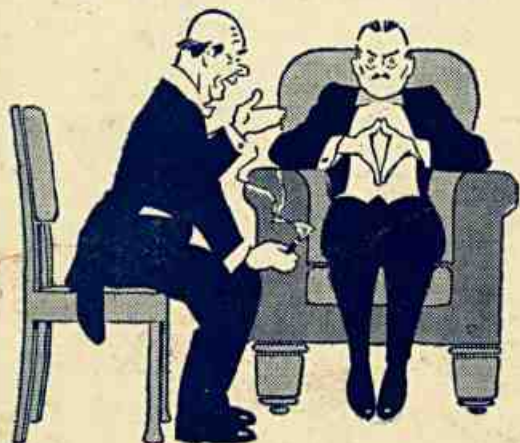
ANNO XXVI — N.º 38
Rio, 17 de Setembro de 1932
— PREÇO: 1$000 —
FON FON

QUANDO...

O dono da casa te paulifica...

e a musica e o canto são horripilantes...

e a tua sorte no jogo não podia ser peor...

e, chegando em casa, sentes uma dôr de cabeça desesperadora, é então o momento de tomar a infalivel

CAFIASPIRINA

o remedio de confiança

que te aliviará e reanimará sem prejudicar o teu organismo

A CAFIASPIRINA é também prodigiosa para as enxaquecas, nevralgias, reumatismo, dôres de dentes e ouvidos, resfriados, etc.

BAYER — **SE É BAYER É BOM** — BAYER

O conto brasileiro

SOROR MELINAH

De Gilberto Veiga

CLARA tinha 20 annos. Bonita e sadia. Sua pelle rosada, de pecêgo maduro, dizia bem com o seu nome. Seus cabellos lembravam caracóes feitos de ouro velho, fosco. Seus labios sangrentos, sem pingo de "rouge" a lhe macular a pureza, riam para a natura, com esse riso ingenuo e franco das almas bôas. O unico affecto que lhe sacudia o peito era o amôr desvelado aos paes e aos manos. A rosa, na sua candura marcessivel, tinha sempre um beijo da sua bôcca sã e um olhar de ternura dos seus olhos meigos. Clara era descuidosa e bôa como os passarinhos. Cantava: ao sol, á lua, ás estrellas, ás aguas dos rios. Seu canto claro e doce tinha qualquer coisa de gorgeio. Nas suas raras divagações de creança-mulher, não entravam a volúpia nem o mysticismo. Era tudo simplicidade. Alongando o olhar pelo seu interior florido, sonhava, talvez, com o seu "principe encantado". Um mancêbo de maneiras distinctas, gestos fidalgos, lhanos, e de caricias leves e honestas. Adorava a Deus com todos os esplendores do seu coração moço, sem se deixar fascinar pelo incenso dos thuribulos. Clara era, em resumo, perfeitamente feliz. De uma felicidade real, de uma ventura casta, simples e pura.

* * *

Dois annos se passaram e um dia...

Alguem, palmilhando a estrada coberta de violetas por onde Clara passava absorta, a estrada orvalhada e fresca que conduzia ao seu coração de creança grande, encheu o precioso escrinio de illusões de amôr. E ella, ingenua e meiga, abriu, de par em par, as portas do seu palacio encantado, recebendo, com festas e cantos, o seu "principe" esperado. Seu peito passou a ser pequeno para conter tanta ventura. E toda ella ria de contentamento, numa explosão magnifica de ventura sentida: a bôcca, os olhos, as linhas da face, as mãos delicadas. Mesmo lá dentro do seu proprio "eu", entontecedor, o guizo alegre do prazer e da felicidade cantava. Via, no engaste azul do firmamento, as estrellas no seu luzeiro eterno, mais brilhantes, mais vivas. A lua cresceu, aos seus olhos attonitos, alagando a terra toda com a immensa poesia da sua immaculada brancura. O sol jorrava mais ouro, em catadupas, vivificando a natureza e seccando com immensa poesia o orvalho dos ninhos. O arroio descia, pedra sobre pedra, modulando queixas de saudade e cantos divinizados de amôr excelso. No seu peito virgem rebentaram, de uma só vez, todas as rosas rubras da exaltação e todos os lyrios brancos da pureza amorosa. E lindos e coloridos colibris divagavam flôr sobre flôr, chilreando e colmeiando o mel das corollas douradas. Eram os beija-flores da felicidade pura. Inconspurcavel, linda...

* * *

Clara está triste. Muito triste. Da janella do seu quarto branco, de virgem, rosto entre as mãos mirradas, assiste ao pôr-de-sol sangrento. De quando em quando, duas a duas, lagrimas redondas e crystallinas rolam dos seus olhos langues e, face abaixo, entram-lhe no canto da bôcca: amargas! Sabem a fél! São lagrimas de descrença, de dores intimas, profundas. No pomar coberto de verdura luxuriante, um sabiá desfére, melancolico, seu canto de despedida á tarde que morre. Clara sente toda a melancolia do mimoso cantor, toda a tristeza do passaro chorando dentro do seu peito oppresso. Ao longe, um sino plange: "Ave-Maria!" Ella, olhos pregados no occaso violaceo, reza. E, de mistura, pensa: "22 annos sadios. Filha extremecida. Irmã queridissima. Somente o seu "principe" não lhe soube comprehender a pureza da alma e a dedicação do seu amôr immenso. E grosseiro e mão esphacelou, com um só gesto de brutalidade, todos esses lindos sentimentos!" E continúa a pensar na sua desdita, na ferida enorme que sangra, sem cessar, no seu peito dorido: "Nunca mais serei feliz! Nunca mais! Morreram todas as minhas illusões, como fenecem as rosas. Tombaram, inertes, as columnas de ouro do meu castello encantado. Em toda a parte o crepe negro, de luto, substituiu a alvura das cortinas de renda. As tapeçarias douradas perderam o seu brilho, o seu esplendor. O parque ficou abandonado. As aléas de pinheiros magestosos emmurcheceram. Nos canteiros as dhalias e os junquilhos seccam, morrem á mingua. A hera daninha, trepando os muros fendidos, substitúe os myosotis. Os caramanchéis, com seus perfumosos tendaes de "rosas-meninas", baqueiam. E tudo isso porque "elle" não quiz manter o equilibrio dessas maravilhas com o orvalho do seu amôr e o sol do seu olhar!" As lagrimas cahem mais apressadas. Um soluço mais fórte a sacode toda. E, sem despregar os olhos do céu saphyrico, onde começam a luzir as primeiras estrellas, murmura de si para si: "Deus das Alturas, Omnipotente e Bom, hei de ser tua serva; hei de ser tua esposa casta e pura; hei de dedicar-me, corpo e alma, ao teu serviço divino."

* * *

Ha um anno e meio, Clara, na solidão do claustro, presta os seus serviços de noviciada. Cabellos cortados rente á nuca, estamenha grosseira a lhe forrar as fórmas opulentas. Em toda a parte, o mysticismo. Em toda a parte figuras silenciosas a andar com passos vagarosos e medidos, entre infindaveis corredores de silencio e de sombra.

A irmã Melinah,—Clara para a vida, — na sua cella triste, ajoelhada ao pé de um Christo macerado, notou, certa noite angustiosa, que o tedio começava a lhe bloquear o coração. E, no seu desejo infinito de banir tão sacrilego pensamento, redobrou, improductivamente, seus esforços mentaes. E os dêdos brancos, correndo sobre as contas frias do rosario, nervosamente, não serviam, absolutamente, de vehiculo do cerebro: a irmã Melinah, a Soror Melinah seraphica e angelica estava, naquelle momento, muito longe da cella triste e isolada. Pensava, independentemente da sua vontade, nas coisas da vida que palpitavam lá fóra, longe do seu alcance e mortas para toda a sua vida de monja. E, ainda, contas entre os dêdos tremulos, implorou á justiça divina o perdão para o seu peccado. O peccado de haver feito um sacrificio, ao envéz de obedecer á pureza de uma vocação. E arrependeu-se. Profundamente. Immensamente.

A irmã Melinah passou a noite em recordações alegres e simples, do tempo em que fôra feliz, em que gozára do carinho puro dos paes e dos irmãos, na bucolica quietude do seu lar amigo. E recordou cheia de saudade e de agonia, os arroubos do seu primeiro amôr distante e perdido.

O sol, entrando indiscretamente através das grades de sua cella branca, a surprehendeu chorando. Um chôro convulso, fórte e dorido de quem perdeu para sempre o direito de ser feliz...

OS MORTOS VIVEM

O autor e actor Subrac, famoso por suas imitações de grandes personagens, acabou de recitar em seu gabinete *A morte dos amantes*, com a voz, os gestos e até o rosto mesmo do comediante Marcial Regent.

— Que tal? — perguntou, quando retomou sua expressão habitual.

Mas já Max Livry e Nina Mirés applaudiam com enthusiasmo, emocionados pela arte do recitador. Exclusivamente para elles havia ensaiado Subrac aquelle papel, que deveria representar em uma revista.

Max e Nina levantaram-se ao mesmo tempo. Max estreitou com effusão as mãos do artista. Nina, conhecendo a razão secreta que enchia de tristeza André Subrac, lhe deu um abraço.

— Magnifico, André! — exclamou Max. — Realmente magnifico!

— E's um homem extraordinario! — commentou Nina. — Podias ter feito uma parodia de Marcial Regent. Podias ridicularizál-o. E dás, pelo contrario, uma imitação exacta, cheia de belleza e de generosidade...

— Obrigado — murmurou Subrac. — O que acabas de dizer-me, Nina, me faz muito bem. E reconforta-me... Oh! Pensei, sim, por um instante, em ridicularizar esse homem. Ser-me-ia muito facil... Odeio Regent desde que elle destruiu minha vida, desde que elle me roubou minha Carlota... Mas ella o ama. E não tenho outro remedio sinão resingnar-me...

— Ama-o tanto como tu pensas? — perguntou Nina.

— Adora-o. Ha mais de um anno que vivem juntos, e...

A campainha do telephone interrompeu a dolorosa conversação. Subrac aproximou-se da secretária, e poz o phone ao ouvido... E, de repente, Max e Nina o viram fazer um movimento brusco com a mão livre. Subrac havia empallidecido. Seus olhos dilatados olharam fixamente o vácuo. E, com a voz que acabava de imitar pouco antes, o actor disse no apparelho:

— Central 1823?... Sim, sim... E' aqui... Sou eu, sou eu... Por que o duvidas?...

Os dois amigos olharam Subrac estupefactos. "Central 1823" não era o numero de seu telephone. E, em vez de responder: "E' engano", André Subrac imitava a voz de Marcial Regent e affirmava que seu telephone correspondia áquelle numero. O actor escutou um instante a voz que chegava através o espaço. Depois respondeu:

— Não teinquietes, querida. Sinto-me bem... Pódes ficar tranquilla... Mas fala um pouco... Preciso ouvir-te... Por que?... Porque... porque te amo e me sinto só... Muito só... Fala, minha bôa Carlota...

Durante longo tempo, Subrac permaneceu em silencio. Por fim, imitando como antes a voz de Marcial Regent, articulou:

— Obrigado, querida... Eu tambem te amo como tu me amas... Muito, muito... Adeus... Adeus...

Desligou o telephone e ficou immovel, uma das mãos apoiada na elconite apparelho e a outra apertada nos olhos.

— Fui um covarde! Um covarde!... Não pude resistir ao desejo de escutál-a... Ella suppunha que falava com... seu amante!... Carlota está aqui, em Paris... Faz uma hora que sahiu de sua casa, da casa *delles*. Havia deixado o amante um pouco indisposto... Nervosa, inquieta, quiz falar para casa, afim de saber como estava Regent... E um erro de ligação tornou possivel que... Ah, eu não podia deixar de ouvil-a! Fazia tanto tempo que eu não escutava sua voz!... Quanto soffri, no emtanto!... Ah, Nina, como sou desgraçado!... E que covarde! Que covarde!...

— Meu pobre amigo! — murmurou Nina.

— Mas Carlota — objectou Max — saberá esta tarde, ao regressar a sua casa, que não foi

De Maurice Renard

com Regent que falou... E teu adeus, teu adeus tres vezes repetido, talvez lhe tenha causado estranheza...

— Naturalmente! — fingiu rir André Subrac. — Minha despedida foi estupida... Carlota acabará percebendo que fui eu quem lhe attendeu no telephone... Não importa. Não rirá de mim. Quanto ao que elle possa pensar, quando souber da verdade, não me interessa. Ella, só ella é que me interessa.

— Por ella serás capaz de tudo! — admirou-se Nina.

— Sim. De tudo. E' verdade'.

* * *

CARLOTA — disse Subrac: — Espero que minha visita não te seja desagradavel. Apesar do desejo que tinha de correr para teu lado, deixei passar seis mezes. Sim, ha seis mezes que perdeste... o homem a quem amavas.

— Estou contente de tornar a ver-te, André. Em nada mudou a estima e a amizade que sempre te professei.

— Obrigado. E' já muito... ou, pelo menos, bastante, Carlota, para que me permittas entrar de novo em tua vida e offerecer-te, como outr'ora...

— Não — respondeu Carlota, gravemente. — E perdôa minha franqueza. Mas Marcial e eu continuamos unidos para sempre.

Sem se dar por vencido, André exclamou, com doçura:

— Oh, Carlota! Comprehendo muito bem que veneres sua memoria. Mas... os mortos...

Ella o interrompeu:

— Não fales de memoria nem de morte, André. Não sabes o que são essas coisas. *Os mortos vivem*. Sim, vivem. Essa é a maravilhosa verdade, a incrivel verdade! *Os mortos vivem*. Tenho disso a certeza mais absoluta.

— Não comprehendo, Carlota. Que queres dizer?

— Quero dizer uma coisa que ainda não confiei a ninguem, André. Escuta. Marcial falleceu quasi repentinamente, nos braços de seu criado, a 16 de outubro, ás tres horas da tarde. Nesse mesmo dia, ás tres e meia... entendes? ás tres e meia... *trinta minutos depois de sua morte!*..., Marcial me falou. Falou-me através do espaço. Falou-me respondendo a um chamado meu. Falou-me com tristeza, com infinita tristeza... E sua voz era doce, suave, carinhosa... Pediu-me que lhe falasse, porque queria ouvir minha voz. E nunca tivéra gestos assim, de tanta ternura... Elle, que costumava ter, em suas expressões, aspereza varonil, me murmurou palavras commovidas... E quando me disse adeus tres vezes seguidas — *tres vezes seguidas!* — me pareceu descobrir nelle um profundo desespero.

— Mas... — falou André, perturbado.

— Por isso, sei que Marcial não morreu — continuou Carlota. — Sei que a morte é outra vida. Outra vida onde nos tornaremos a unir... Dahi o não me veres chorar. Espero pacientemente minha hora. Emquanto isso, sou feliz, André. Beatificamente feliz.

— Beatificamente feliz? — balbuciou Subrac.

— Sim, André. Tu me comprehendes, não é verdade? E comprehendes, tambem, que tudo nos separa, a ti e a mim, exactamente como antes de 16 de outubro.

Subrac baixou os olhos. Teve, por um momento, a intenção de revelar a Carlota o segredo simples daquella crença. Mas amava muito a mulher fiel. E fez, para respeitar aquella convicção, um ultimo sacrificio: o de seu silencio.

E, levantando-se, apenas disse:

— Perdôa-me, Carlota!

E, para occultar a dolorosa expressão de seu rosto, se inclinou, sob o peso de sua angústia mortal, em um cumprimento prolongado.

SENEGOID (Capital) — O sr. me pede um pouco de boa vontade na sua carta gentil.

Escreve o sr.

"Amigo Ives: Saudações. Ninguem aprende sem de inicio ter um professor. Muitas vezes o adiantamento do alumno depende do professor.

Como irás deduzir de meu trabalho, "devaneios" simples, sou um noviço necessitando de um mestre para poder dirigir-me. Como te conheço ha muito por teus escriptos e por "Saibam todos" resolvi enviar-te meu trabalho para ouvir a tua corrigenda.

Creio que lerei em "Saibam todos" — Seu trabalho nada de bom tem. Vá escrevendo, escrevendo, que um dia sahirá alguma cousa aproveitavel.

Esperando a nova vinda de "Fon-Fon" á nossa cidade para vêr a tua resposta.

Sou teu amigo e admirador."

E eu não lhe crearei difficuldades, auxiliando-o a ser escriptor:

"ANCIEDADE. Meu amor, vamos gozar as delicias da noite enluarada... Nem sempre teremos uma noite assim, e nosso amor nem sempre durará. Emquanto nos amamos, emquanto nos queremos vamos aproveitar estes momentos poucos que passam...

Amanhã, não teremos uma noite assim tão bella. Será triste, sem estrellas scintillantes, tudo escuro, e minhalma talvez esteja envolvida em "negro véo de pezar. E ella chorava amargamente com saudade de ti que partistes e ainda não voltastes...

Vem commigo meu amor, a brisa portadora de recados amorosos cicia de leve por entre as folhas e pode ser que tenha comsigo alguma verdade para transmittir-te.

Sou um fraco, ainda não tive coragem para dizer-te: Amo-te sinceramente.

A lua oscula docilmente a face polida do lago sereno, que na ancia de servel-o todo, está calmo. Não penses que o lago está paralisado por ordem de alguem, não. E' por necessidade.

A palmeira agreste abre de par em par as suas grandes folhas para poder conter o maior beijo de orvalho. A brisa sussurante agita-lhe as folhas deixando-lhe o recadinho de seu bem. A palmeira satisfeita estremece de felicidade.

Vem commigo meu amor. Vamos á beira do lago contempla-lo em sua languidez, e a palmeira em sua felicidade, vel-a. Porventura que ao vêres isto: esta noite inexprimivel, possas vêr o quanto meus labios sequiosos desejam os teus. O quanto meu coração te quer. A beira do lago verás um bello casal de cysnes brancos, unidos em colloquios.

Ouvirás o rolar por entre as pedras a cascata soluçante. Soluça com saudade do seu amado — "olho d'agua" — tão distante. Nunca mais o verá, é só correr, ficar longe, bem longe delle...

Cascata, o teu destino é bem irmão do meu...

Tu quanto mais almejas a nascente mais longe della estaes; eu, quanto mais quero meu amor, mais elle foge de mim. Foge, como foge uma borboleta azul perseguida pelo caçador incansavel.

Vem commigo meu amor, sejamos mais um par feliz a receber da lua amarellada o seu beijo dourado... — *Senegoid.*"

ZICO (?) — Outro poeta? O sr. tambem quer brilhar como tal? Vejamos a carta que me envia:

"Snr. Yves. Saudações. Sendo eu um apreciador das poezias, mas não tendo coragem para me exibir, venho por incistencia de amigos pedir a v. s. a publicação deste lindo soneto encluso; sentido por mim e admirado por todos o qual tenho a plena certeza que será julgado com justiça.

Sem mais espero que seja coroada de exito a minha estréa nesta secção.

Do constante leitor de Fon-Fon — *Zico*".

O soneto, a que se refere, o seguinte:

A GARGALHADA DO LOUCO

AQUELLA gargalhada sinistra, impetuosa e colerica, que de tempos a tempos rompia do peito daquelle doido, aterrorizava todos os que passavam pela redondeza.

Sentia-se nella um mytho de sarcasmo e profunda ironia á humanidade, que mais além se divertia festiva, sem pensar no futuro, e talvez indifferente á dor alheia, illudida na sua felicidade passageira.

O doido viéra para o alto daquella montanha e alli vivia. Quando o procuravam, elle se embrenhava pela matta e se escondia em alguma toca, até que os perseguidores perdessem a paciencia e desanimassem.

A' pequena povoação que ficava no valle elle jamais descêra; parecia fugir do convivio das creaturas humanas e, assim inoffensivo, acabaram por deixal-o viver como um animal selvagem. Mas os que se atreviam com ares pacificos a approximar-se da montanha ouviam então a gargalhada prolongada e sinistra que os arripiava de terror.

Aquelle doido devia ter uma historia e aquella gargalhada um motivo; ás vezes, quando a lua banhava as cercanias com a sua luz prateada elle ficava longo tempo a scismar, como num momento de lucidez, mas logo após a sua risada se tornava mais ironica e arripiante.

E em tres annos somente elle estava reduzido áquella situação. Devia ser homem de quarenta a cincoenta annos, exaggerados pelo soffrimento, pela barba e pelos cabellos hirsutos e grisalhos que lhe vinham até o hombro. As suas pupillas tinham um brilho sinistro e demoravam-se a contemplar o povoado a horas mortas da noite, como si esperassem alguem que não viessem mais.

Aquelle homem amára o romper da mocidade com todos os arroubos de um primeiro amor e a sua pobreza fôra o empecilho que lhe afastára a noiva, obrigada pela familia a consorciar-se com outro.

"PAIXÃO ETERNA"

Hilda meu amor minha querida,
Tú és a luz da minha vida;
A ti que mais adoro, por ti meu [coração chora
lagrimas triste de amor.

Sou um pobre soffredor,
Que vivo exilado do teu amor;
Sei que não me amas, porque me [despresou,
Mas, juro por Deus, minha querida [que és meu amor.

Minha flor, tu não sabes o que é a [paixão, e o que é o amor,
Deste pobre compositor que hoje [chora de dôr
Pela separação do nosso amôr.

Zico (*o desprezado*)

Por ahi se vê o poeta que o sr. é e ha de ser, muito em breve... Não é verdade?

URZE DE CHANAAN (E. Santo) — A sua missiva é dessas que devem ser publicadas, com todos os *ff* e rr.

Lá vae ella portanto:

"Yves "Beharrlichkeit fuhrt zum Ziel!"

A Perseverança Ando vence!

Costumo perseverar com muito enthusiasmo Ives, e as vezes, chego mesmo a ser teimosa como os Xaxões meus antepassados.

Escrevi uma carta a você, e com certeza foi parar na "celebrissima" cesta. E' porque?

A principio pensei que você tambem estivesse fazendo "Guerra Pacifica" e por isso não me respondia... mas, depois, remexendo em meus papeis, encontrei um "coupon" que me esqueci de enviar, segundo as suas exigencias — Data e nome do consulente, etc. etc. E' preciso que o Ives seja muito mau, para não responder uma carta que vem de tão longe...

Mas não terá mais esse "gostinho"; receberá desta vez o coupon tão cubiçado...

E ás minhas perguntas? Existe verdadeiramente o amor? Acho que não... mas não vem ao caso o que eu penso, quero ouvir o Ives a me ensinar o "verbo amar". Existe?

Quanto a sua novela — "Uma Garçonne Carioca" — é mesmo um fructo prohibido, como dizem as pessôas cheias de nós pelas costas? Tenho muita vontade de lê-la Ives. E' tão linda quanto o Suave Enlevo?

Você escreve umas cousas tão bonitas... que faz a gente sonhar acordada, sem saber com que, com quem e porque!

Estou sendo prolixa demais dirá o Ives, que é o mal de toda mulher... Seja!

Envio-lhe uma fotografia do querido Valle do Chanaan, para que você tenha uma pequenina idéia, da fonte de inspiração do grande Graça Aranha.

Já leu Chanaan?

E' tão lindo, é e quazi impossivel que você não o tenha lido. Com non "Dank-schön" todo especial, aguardo resposta.

Saudades — *Urze do Chanaan*".

O que me surpreende em tudo isso é que v. ex., a par de tantos elogios, me julgue capaz de deixar uma carta sem resposta, pelo facto de não ser preenchida uma pequena formalidade: — o coupon.

Então, eu não tenho a mentalidade que me empresta.

Quanto a ensinar-lhe o verbo amar, acho apenas, que a discipula está longe de mais do professor. As lições não seriam bem aproveitadas.

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON - FON — 17-9-932

Data da consulta...........................

Nome do consulente..........................

....

Vinte e tantos annos passára elle a viver numa recordação; nunca mais desejou alguem, afastou-se de tudo e de todos, e existia unicamente para o trabalho. Levára uma vida insipida e vegetativa, sem ideal e sem anseios. Vinte annos e tanto!...

Depois, quando elle estava começando a envelhecer, mas rico, immensamente rico, surgiu-lhe uma creaturinha gracil, bella, como a que elle conhecera outróra, quando ainda era rapaz. A moça parecia-lhe acenar novamente para a vida, para a esperança, para a fecilidade.

E de novo elle amou, sem pensar que aquella creatura podia ser sua filha; amou com a impetuosidade de uma pessôa insatisfeita e que encontra finalmente a felicidade. Vivia illudido na phantasia de seu sonho, e era feliz!

Lya tornou-se sua amante; queria-o pelo dinheiro e tratava-o com todos os rapazes que se lhe approximassem. Elle vivia preso áquella ventura feita de mentira...

E, um dia, abriram-lhe os olhos; não permittiram que continuasse a viver illudido; contaram-lhe tudo: Lya não o amava.

O pobre homem soltou uma gargalhada terrivel. Aquella felicidade que era seu objectivo desapparecia, voltava a vida insipida de tantos annos. Depois daquelle tempo de solidão, o amor recente por Lya se entranhára em sua alma e elle tinha a impressão de que lhe arrancavam agora a vida.

Por paradoxo terrivel os que queriam tornál-o feliz acabavam de destruir-lhe tudo e aquella sua gargalhada foi todo o seu sarcasmo.

O velho rico, com o choque, com o desgosto, perdêra a razão e começára a rir, a rir interminamente. Depois fugira de todos e fôra viver no alto da montanha.

A's vezes, ouvia-se alguem dizer:

— Desejamos fazer-lhe um bem e...

E a resposta era a gargalhada de ironia que atroava lá em cima para os casaes amantes que passavam no valle e que acreditavam em amor...

Afastaram-no da phantasia, afastaram-no do sonho... Seria aquillo a felicidade?

Walter de Sequeira

A historia do torpedo

A terrivel arma submarina

ENTRE os nomes celebres de inventores de machinas e de apparelhos militares ou industriaes, está o de um engenheiro inglez, que appareceu em Milão no anno de 1847 ou 1848.

Achar-se-á esse nome—hoje celebre—entre os de constructores de apparelhos de tecelagem de sêda, e tambem entre os dos inventores de machinismos marinhos.

Para melhor determinar o valor dos seus trabalhos basta dizer que esse engenheiro, mais que um inventor, póde ser classificado entre os que aperfeiçoaram, melhoraram as machinas. Foram modificações de pequena importancia, mas que revelam as suas tendencias quando era empregado numa fabrica de tecidos. Os seus pedidos de patentes de invenção—comparados a tudo o que soube depois crear—fazem pensar que ha alguma verdade na affirmação do philosopho quando disse que "o futuro está no presente".

O presente era então representado por uma ou mais tentativas modestas de um apaixonado de mechanica; o futuro... pela mais terrivel das armas que appareceram na guerra européa e contra a qual não se ha defesa completa. Fallamos do torpedo, e torpedo-automovel, que tantos e tantos navios destruiu e afundou nos mares da Europa, durante a ultima conflagração.

Devido ao caracter desta publicação devido aos regulamentos actuaes que prohibem a divulgação de certas particularidades, só podemos dar sobre elle uma breve noticia. E sem nos perdermos nas brumas da historia antiga, consideramos interessante mencionar que o inventor do torpedo—Whitehead, um engenheiro inglez de Bolton de Moors—passou a sua mocidade activa e de grande iniciativa em Milão, onde em 1847 dirigia um estabelecimento de tecidos de sêda.

Em 1860, enconrou-se elle com o capitão austriaco Luppis, que imaginára um pequeno navio que, guiado á distancia, devia ferir os flancos dos navios inimigos e destruil-os por meio da explosão de materias inflammaveis e explosivas que devia levar no seu bojo.

O invento, no qual os dois homens empregaram todos os seus esforços, não deu nenhum resultado; mas Whitehead, durante as experiencias, teve uma idéa genial: viu o que era necessario, e teve a confusa intuição de que devia fazer. Pensou numa embarcação especial, num barco submarino que partia de uma embarcação, mas que não dependesse mais della depois do lançamento, procedendo e operando autonomamente, pelas proprias forças.

As difficuldades eram innumeras. Whitehead lenta e methodicamente as estudou analysou e venceu todas.

Naturalmente... ninguem lhe deu direito.

Em 1884, um navio inglez fez a experiencia do torpedo: o primeiro projectil deitado tocou no alvo; o segundo correu errante na agua depois... voltou ao ponto de partida e feriu no flanco o navio que o lançou.

A experiencia foi quasi a morte da invenção...

Depois houve quem partilhasse das idéas do inventor. Trata-se de um povo, laborioso e tenaz, cheio de iniciativa, combatente e audaz: O Japão, em 1905 — na guerra com a Russia—submergiu alguns couraçados inimigos. Os jornaes contaram que o *Czarewitch*, o *Retvisan* e o *Pallada* bateram contra minas submarinas ou que foram bombardeados. A verdade é que as tres poderosas unidades foram postas fóra de combate pelo torpedeamento que lhes rompeu os flancos. Contra o *Kniaz Suvoroff* foram lançadas perto de cem torpedos; e os collossos russos afundaram nos abysmos marinhos.

A causa do emprego de tantos projectis foi attribuida ao facto de

não acertar a arma no alvo. Hoje, as cousas estão muito mudadas.

O actual torpedo — que custa nada menos de 20.000 francos — é um maravilhoso instrumento, creado depois de detidas observações, de profundos estudos e de geniaes soluções de varios problemas.

Um dos typos mais conhecidos é o do torpedo francez: de 450 mm. de diametro, 6 m. de comprimento e com o peso de 700 kilogrammas. A carga explosiva varia de 100 a 120 kilos; o raio de acção alcança de 1.000 metros (com uma velocidade de 43 nós) a 8.000 e até 10.000 e 10.000 metros, com a velocidade de 28 nós (cerca de 14 nós e mais por minuto.)

Partindo da tropedeira, o torpedo leva pequeno impulso.

O lançamento procede de modo diverso, conforme se trate de lançamento no ar ou debaixo da agua.

Para o lançamento no ar empregam-se os tubos canhões, com cartuchos de polvora ordinaria: a carga varia de 200 a 300 grammas: o lançamento submarinho é feito tambem pelas torpedeiras e pelos navios de linha.

Para o lançamento submarinho são adoptados os lança-torpedos Armstrong. São dois tubos "dispostos á maneira de telescopio"; a extremidade exterior engasta-se no casco do navio e é fechada por um obturador. O tubo menor tem uma valvula central na culatra; na parte exterior está disposta a denominada "camara de explosão", que communica com o tubo.

Fechada a abertura exterior, são os dois tubos abertos do lado interior pela introducção do torpedo; fechadas as culatras e aberto o bordo, introduz-se a carga e determina-se a explosão. Os gazes que se desenvolvem accionam primeiro o tubo interior, depois forçam, com a pressão augmentada, tambem a valvula, de modo a poder agir directamente sobre o torpedo que entra na agua.

Mas como é feito o torpedo?

Na sua fórma exterior parece um grosso charuto: um corpo cylindrico, terminado na parte anterior numa superficie sensivelmente semiespherica, na parte posterior em superficie conica, mas com um prolongamento.

Divide-se o apparelho em tres partes: o cone de carga, que póde ser facilmente separado, o reservatorio de ar e o mechanismo.

No cone de carga está contida a carga explosiva e o detonador. O explosivo mais communmente adoptado é o algodão-polvora, humido e comprimido. A explosão é provocada pelo algodão-polvora sêcco contido numa bainha, e que detona em seguida á acção da isca de fulminato de mercurio, que por sua vez detona no momento em que o percussor bate de encontro ao obstaculo. Tem o reservatorio de ar um comprimento de cerca 2 metros (ou um pouco mais tambem). O ar comprimido chega a 150 kilogrammas por centimetro quadrado. Annexas ao reservatorio, estão as valvulas de carga e descarga e um regulador da pressão. O ar, sahido do reservatorio, é muito frio, pelo que se eleva a sua temperatura a 200 com grandissima vantagem para a velocidade e o alcance do torpedo, fazendo-o passar por um aquecedor no qual penetram alcool, ou petroleo, ou benzina, e agua doce pulverisada.

Na parte anterior estão diversas machinas: os reguladores, a matriz, o fluctuante, o gyroscopio. A matriz consta de um motor com quatro cylindros oppostos, com communicações convenientes com a agua ambiente, para o resfriamento do proprio motor. Duas helices, girando no sentido inverso impedem o movimento de rotação em torno ao proprio eixo do torpedo, ao passo que o gyroscopio, desembaraçado do seu eixo, logo depois do lançamento, desenvolve a sua propriedade que assegura ao projectil uma direcção invariavel. Dois lemes, um horizontal e

(Continúa na pag. seguinte)

A historia do torpedo

(Conclusão)

... outro vertical, determinam a certeza da trajectoria.

A esses orgãos principaes se vão acrescentando outros, entre os quaes o que dirige o torpedo de modo que não fique vagando sobre as aguas, com perigo para os navios neutros ou mercantes.

Dizem que não são providas desta ultima disposição os torpedos allemães, que constituem por isso minas fluctuantes, que atacam a esmo antes de submergir.

A rapida descripção, que fizemos do torpedo-automovel, dirá, ao menos, aos leitores, quantos cuidados exige a construcção de semelhante projectil. Sobre os effeitos do torpedo não se podem dar noticias determinadas: cem kilogrammas de algodão polvora dão resultado diverso, segundo os pontos do navio que elles ferem, e segundo o typo, a fórma e a resistencia do navio.

Quanto á defeza . . . pouco se tem achado.

Remedio heroico quando o commandante avista em tempo é dar de esperar no submarinho ou fugir. As famosas rêdes, de que tanto se falou feitas de malhas de aço, estendidas a seis ou sete metros do navio, não deram resultados praticos; apenas reduzem a velocidade do navio não offerecem resistencia ás disposições de que são providas os torpedos para a perfuração das proprias rêdes.

Terminaremos mencionando a potencia e a velocidade dos torpedos das varias potencias de guerra, abstendo-nos de commentarios.

A Inglaterra possúe torpedos de 553 mm., com 130 kilogrammas de explosivos; a velocidade é de ... nós. A Allemanha adoptou os typos 530 mm. Com 128 kilos de explosivos, a França e a Russia conservaram o modelo de 450 mm. com carga de 125 kilogrammas de explosivos. Os Estados-Unidos adoptaram o typo de 533 mm. de ... kilogrammas, com a velocidade de 36 nós a 1000 metros e 30 nós a 4000 metros.

Pelas observações feitas, parece que a 4000 metros os alvos são feridos na media 30 vezes em 100 disparos. Devido ao custo do projectil, as probabilidades não são muitas.

Tal é a historia do torpedo, pavorosa e maravilhosa arma, producto de tantos estudos e observações, e calculos.

C. A. Blaupe

AMARGURA

Falou-me a Lua, vendo o fel do pranto
inundar-me de lagrimas o olhar:
— "Meu pobre irmão, por que soluças tanto?
Não soluces... Teu mal ha de acabar.

E' o Tedio! Quantas vezes, me levanto
e ouço, nas trevas, o teu soluçar!
Não soluces. Não sabes que a alma, emquanto
viver, deve sorrir e não chorar?"

E eu lhe falei: — "O' minha irmã da Altura!
Bem sei que o Tedio e as lagrimas farão
mais tenebrosa a minha vida obscura...

Mas, como poderei sorrir em vão,
si a minh'alma, somnambula, procura
sondar a Morte pelo coração?"—

Victoria Helio de Lucena

O QUE EU QUERIA DIZER AO SEU OUVIDO...

O que eu queria dizer ao seu ouvido
era que gosto muito de seus olhos e que
eu não posso tirar do meu sentido
tudo quanto me fala de você.

O que eu queria dizer ao seu ouvido,
você lê e todo mundo tambem lê,
pois, por não poder dizer ao seu ouvido,
fiz do olhar uma carta aberta pra você.

O que eu queria dizer ao seu ouvido
— eram coisas inuteis, meu amôr, porque
você já deve ter comprehendido
que eu queria dizer ao seu ouvido
era que gosto muito, muito de você...

Mendonça Junior

O INIMIGO

DE EMILE AURET

NA tristeza da casa fechada, o ataúde, coberto com um panno branco, descansava sobre umas cadeiras.

Dois cirios, de luz incerta, ardiam junto ao cadaver, alumiando o ultimo velório.

No dia seguinte, o corpo de Luis Pascal seria conduzido ao pequeno cemiterio da colina seguindo o caminho atapetado de relva. E no acompanhamento dos vizinhos, vestidos de preto, se ouvirá repetir, como dito por um côro antigo, o que foi aquelle homem desapparecido do mundo dos vivos.

Os benévolos, si é que os ha, convirão que Pascal foi sempre honrado e justo. Mas ninguem affirmará que foi bom. Duro comsigo mesmo e com os outros, autoritario e vingativo, negou-se sempre á doçura do perdão.

Depois, ficarão admirados que um homem como aquelle houvesse tido a bôa sorte de attrahir e de conservar uma abnegação real, a de uma parenta distante, a viuva Lebón que havia dez annos morava em sua companhia.

Quanta paciencia necessitára aquella prima pobre para cumprir sua missão perto de um enfermo exigente e brusco!

Quem assim pensar, entretanto, não deixará de insinuar que aquella mulher lhe mantinha a esperança, e alguns, entre os melhores, desejarão que o velho não a tenha esquecido em seu testamento.

Todas essas reflexões serão murmuradas emquanto o cortejo funebre seguir o caminho das mangueiras em flôr e resoarem os canticos lugubres no ar puro da manhã.

Mas, no momento, reina o silencio na casa em penumbra.

Refugiadas a um canto da sala, a senhora Lebón e sua filha Martha começaram seu triste velorio. Martha, cedendo ao cansaço daquellas ultimas horas adormece profundamente, emquanto que a mãe soffre a amargura dos pensamentos daquelle dia de dôr.

Pela primeira vez, pensa em sua filha e depois em si propria. Breve uma e outra terão que abandonar aquella casa. Porque o finado, surprehendido pela morte não fez testamento. E' certo que Pascal havia manifestado a intenção de deixar a sua fiel enfermeira uma parte de sua pequena fortuna. Mas não chegou a pôr em pratica esse projecto.

Amanhã, talvez, o unico herdeiro do velho, seu sobrinho João Pascal, filho de seu irmão, virá tomar conta da herança.

Então, as duas mulheres, consideradas como pessôas estranhas, não terão outro remedio sinão partir.

A senhora Lebón não conhece esse herdeiro, que nunca puzéra os pés naquella casa fechada para elle. Os dois irmãos Pascal que haviam brigado, outr'ora, por causa da odiosa politica, nunca mais se tornaram a ver.

A pobre mãe temia por ella e por sua filha a chegada daquelle desconhecido, que, com effeito, representava o "inimigo" que devia expulsál-as.

Já na véspera, os magistrados haviam arrolado e embargado os bens do morto, e esses actos pareciam outros tantos grandes olhos ameaçadores e ferozes.

Sem duvida, isso se fizéra por ordem do herdeiro, e aquella triste formalidade não era sinão o preludio das ultimas vexações.

* * *

II

DE repente, como si fôra uma realização brusca de seus temores a porta se abriu e penetrou na sala um joven alto, que, com a cabeça descoberta, avançava para o ataúde, andando nas pontas dos pés para não quebrar o pesado silencio que reinava naquelle lúgubre logar.

A senhora Lebón olhou-o assustada. Viu como elle se ajoelhava, como assim permanecia longo tempo e como depois se levantava enxugando duas grossas lagrimas, e seu coração cessou de pulsar quando o "inimigo" se dirigiu para ella.

O moço inclinou-se e perguntou-lhe, em voz baixa:

— A senhora é minha prima Lebón, não é verdade?

E, antes que ella pudesse responder-lhe, tomou-lhe a mão, que conservou entre as suas.

A bôa senhora fez um esforço para se desprender de seu "inimigo". Mas este, assignalando Martha, que continuava dormindo, accrescentou, sempre em voz baixa:

— E' sua filha Martha? Não a desperte, por favor.

Depois, a conduziu suavemente a um compartimento vizinho, on-

(Continúa na pag. seguinte)

DEZ ANNOS SEM DORMIR — Em Viaeta (Russia) falleceu o advogado Arthur Bubinoff, que não dormia ha mais de dez annos. Mobilisado, ao rebentar a grande guerra, o dr. Bubinoff tomou parte na mesma durante os dois primeiros annos. Em dezembro de 1917, durante um formidavel combate, foi gravemente ferido por uma bala de fusil. Foi recolhido immediatamente e, no hospital de sangue onde o trataram se notou logo fractura do craneo, chegando-se á

conclusão de que seus dias estavam contados. Graças, porem, aos cuidados de que foi cercado, na antiga Retrogrado, por alguns notaveis medicos, salvou-se de uma morte immediata.

No emtanto, o dr. Bubinoff não foi curado por completo, pois, a partir de então, foi victima de um curioso phenomeno: deixou de dormir. Todos os meios empregados para que o enfermo pudesse dormir foram completamente inuteis. Usaram-se varios narcoticos, sem resultado, pois apenas lhe permittiam cahir numa especie de semi-vigilia, de que volvia á realidade mais fatigado e aba-

---

de uma lampada derramava sua pallida claridade.

Uma vez ali, manifestou-lhe o pesar que sentia por ter chegado muito tarde para ver pela ultima vez o rosto de seu tio. Explicou a tristeza que lhe havia produzido a briga que o mantivéra afastado daquelle ultimo parente, e depois ainda expressou sua magoa pela recente perda de seu pae, que o deixára isolado na vida.

Por fim, se mostrou indignado pela decisão dos magistrados mandando arrolar e embargar os bens, lamentando a penosa impressão que esse facto havia de ter causado no animo de suas primas.

A' medida que se desenvolvia aquelle colloquio, na noite tran-

O INIMIGO

(*Continuação*)

quilla, a senhora Lebón sentia dissipar-se seus temores e modificar-se em sentido favoravel o conceito que havia formado do terrivel "inimigo".

.. ..

No dia seguinte, quando a senhora Lebón e sua filha fizeram allusão á sua proxima partida, João Pascal exclamou, vivamente:

— Como?! Vocês vão abandonar-me?! Supplico-lhes que, pelo menos por emquanto, não se mude nada nesta casa. Sei que, por motivo da enfermidade de meu tio vocês tratavam de seus interesses. Não queiram continuar fazendo o mesmo durante algumas semanas.

III

AQUELLA situação provisoria durou muito tempo. Todos os sabbados João Pascal, que morava em Paris, ia á Dampierre para ali passar o domingo. E dia a dia as primas apreciavam mais sua amavel franqueza.

As duas mulheres esperavam agora sua chegada com impaciencia.

— Que prepararemos para o jantar de nosso "inimigo"? — perguntavam, sorrindo.

GORDAS OU MAGRAS?

PRIMEIRAMENTE, a questão debatida foi esta: louras ou morenas? Era Holliwood que indagava através do celluloide. E ninguem respondeu. Tinha lá resposta!

E o proprio cinema respondeu á pergunta por elle formulada. Uma cinta qualquer affirmava:

— Os cavalheiros preferem as louras.

Você protestou, morena leitora? Não ? Eu tambem deixei passar sem protesto. Ninguem protestou. Ora, quem cala consente... Ganharam as louras...

(Perdôem este trecho de historia antiga, historia colonial do cinema...)

* * *

Agora a pergunta não vem do reino dos talkies. São daqui mesmo. Nossa e para uso interno...

— Gordas ou magras?

Não ria desse ... Reflicta e faça o seu ... polmento. Sem levar em conta de galhofa. ... permitta-me, antes ... ouvir a sua opinião, ... eu apresente algumas ... zões.

* * *

Em 1838 — pleno periodo romantico — ... qual era no Brasil o maior galanteio para uma moça? Este:

— A senhora está ... cando mais gorda... mais bonita!

tido do que antes. Raras vezes conseguia esse resultado e, geralmente passava 15 e mais dias sem pregar olho, cahindo, a seguir, num esgotamento geral, até obter nova vigilia mais penosa e prolongada que a anterior.

* * *
*

AS MEDIDAS LINEARES — Têm origem, em todos os povos, nas diversas partes do corpo humano: Por exemplo, entre os gregos: um dedo, um pé, etc.

* * *
*

UMA POPULAÇÃO SEM LINGUA — As autoridades sovieticas descobriram que a tribu dos Calmucchies (população da raça mongolica que vive na Asia Central) não póde ler e escrever, mesmo que o quizesse, porque sequer não tem um alphabeto para expressar os sons do dialecto que usam. As autoridades encarregaram varios philosophos de inventar um abecedario e compilar um diccionario especial para uso da referida tribu.

* * *
*

UMA CURIOSIDADE — Na Terra do Fogo não ha insectos venenosos.

O INIMIGO

(Conclusão)

E depois Martha devastava o jardim para renovar as flôres do *quarto dos amigos* reservado a Pascal.

Os dois jovens se tornaram bons amigos e se entregavam, sem segundas intenções, ao prazer de encontrar-se juntos.

João não tinha nada de romantico, nem de novellesco em seu modo de ser. Sua robusta natureza ignorava as subtilezas do coração. E Martha, por sua vez, conservava toda a sua sinceridade de menina. Sem saber como, sem lho dizer, amaram-se durante muito tempo, felizes com aquelles domingos que se succediam muito mais lentamente do que elles desejavam. Um sabbado, o rapaz escrever dizendo que não o esperassem.

Nesse dia, o tabellião foi visitar a senhora Lebón e começou por manifestar-lhe que João lhes reservava, a ella e a sua filha, uma bôa parte da herança de seu tio.

Depois, aproveitando uma ausencia de Martha, disse que lhe haviam confiado uma delicada missão. E accrescentou:

— Senhora Lebón, tenho a honra de pedir a mão de sua filha para meu cliente e amigo João Pascal.

A resposta da senhora Lebón deixou estupefacto o tabellião.

— Oh, nosso querido "inimigo"! — exclamou a bôa mulher, chorando de alegria.

.. ..

Ha quinze annos que Martha e João estão casados, e são felizes. O perigoso inimigo que se introduzira na casa do velho Pascal havia de construir nella o mais lindo dos ninhos de amor.

Si o acaso de vossos passeios vos levar a Dampierre, reconhecereis aquella mansão, por sua fachada coberta de glicinias e de madresilva, e ouvireis, sob os ramos das arvores do jardim, risos alegres de crianças...

De Heitor Marçal

Quem revelou isso foi um botanico inglez, em viagem de estudo por aqui, naquella época. Creio que elle não conhecia tanto as mulheres, como as plantas que colleccionava... Em todo o caso ahi fica o testemunho. E' insuspeito. E' grave... Que precisão tinha um sizudo naturalista inglez de pregar uma mentira á gente do futuro? Nenhuma. E' claro. Como se vê, naquelle tempo gordura era symptoma de belleza!

* * *

Hoje, o caso muda de figura. A moda exige mulheres magras para as suas creações exóticas. E, devido á moda requerer tal, muita moça tem bebido vinagre para emmagrecer. Assim como certos acrobatas de circo bebem azeite para ter as juntas molles...

Isso sem falar nos regimes, nas refeições diminuidas, nas gymnasticas, e outros expedientes...

* * *

Mas, responda á minha pergunta:

— Magras ou gordas?

Ah! quer saber a minha opinião?

Pois ahi está.

— Nem por umas, nem por outras. Fico com a "fausse maigre" dos francezes. Typo intermediario. Nem gordura, nem magreza. Isso não impede que já me tenha apaixonado por quanta mulher magra e gorda ha neste mundo...

UMA MULHER FORTE

— EU só gosto das mulheres que tudo ignoram — disse Oswaldo.

Marina baixou os olhos. Sorriu depois. As volutas de seu cigarro punham punhaladas cinzentas no silencio do aposento.

— Acredito — respondeu Marina, com ironia apenas perceptivel.

— Falas num tom...

— Julguei que não o notasses, querido amigo.

— Sim. Já sei. Julgas-me cretino, orgulhoso, inconsciente. Muitas vezes mo repetiste... Sim. Já sei: sou um joven deus, não é isso?

Ella riu alegremente, encostando-se na *chaise-longue*. As gargalhadas de Marina exasperavam Oswaldo.

— E's adoravel, bom amigo. Como um deus... Por isso enlouqueces todas as meninas do *Sacré-Coeur*.

Caminhou até a janella. Atirou fóra, violentamente, o cigarro que tinha na mão.

— Vem. Aproxima-te. Senta-te aqui. Vês. Outra vez te aborreceste por uma bobagem. Estavamos falando... Bem, já não me lembro de que... Depois dizes que não tenho razão ao reprehender-te... Isso não fica bem, Oswaldo... Anda, senta-te aqui!... Passou a tempestade?

E como Oswaldo continuasse em seu gesto torvo, ella o obrigou a sentar-se a seu lado, passou-lhe o braço pelo pescoço e o beijou na fronte, como um menino.

— Ahi está!

— Como és bôa!... Envergonho-me. Juro-te que sim. Perdôa-me, Marina.

— Estás perdoado.

— Mas não mo digas assim, sorrindo.

— Que menino, que menino és!

— Não quero, Marina, entende-me bem, não quero que chames de menino. Cada vez que o fazes, tenho a impressão de que me cravas um dardo no coração. Sabes que te amo...

— Sei-o.

— Não sei como expressar-me... Sinto vergonha de querer-te assim, tão dentro de mim, sem que tu possas vêl-o.

Marina quiz dizer alguma coisa. Mas elle tapou-lhe a bôcca com a mão.

— Não... Deixa-me falar. Hoje preciso dizer-te tudo. Estive na imminencia de fugir. Comprehendo o espanto que isto te causa. Eu ia para o Rio de Janeiro. Tinha a passagem reservada. Sabes por que fugia?

— Não.

— Por tua causa. Fugia de ti. Não sei dizer-te como te amo, o que és para mim... O calor maternal que encontro em teu peito, a ternura fraternal de tua amizade, de teu colleguismo... Mais que tudo isso, porém, tú és ella. E's a única, a que eu esperei... Já ella... Mas eu a havia esperado de outro modo... Entre a mulher que eu esperava e a que me deu a realidade só ha uma differença que tortura meu coração. Sabes qual é? Tua vida. Eu desejaria encontrar-te só, desvalida, e proteger-te, ajudar-te...

Marina passou a mão pelo cabello de Oswaldo.

— Isso é egoismo, querido, pensas...

— Espera. Deixa-me que eu te diga tudo. Cheguei perto de ti quando toda tua vida já estava em ti... Tudo já fizeste. Que posso eu significar ao teu lado? Nem quer um homem de fortuna, que te vá levar comsigo e a salvo de todas as difficuldades... Eu te quero assim... como um irmão... Quero-te a quem tu queres proteger.

te, Marina. Juro-te que te quero sómente a ti. E, no emtanto, este amôr terminou com todas as minhas illusões. Quando te olho, ás vezes, dirigindo as decorações no theatro, fazendo indicações aos autores, dando conselhos ás actrizes, solicitada de todos..., tambem me olho a mim e penso: "Estou morto."

Abraçou-se a Marina. Tinha vontade de chorar e seu corpo de athleta, vencido, procurava o apoio dos maternaes braços femininos.

— Acalma-te. E's uma criança grande...

— Vês? Eu sempre serei isso para ti... Uma criança grande. Eu sei que essas palavras são para outro um mimo... Eu não quero ser isso e o sou... Uma criança grande na vida, no amôr, a teu lado... Não sabes o odio que tenho a tudo o que possúes. A tua casa, a teus moveis, a teus quadros, a tudo o que pudeste comprar com o que ganhas... Como te amaria si fosses uma pobre rapariga da rua! Então verias do que eu sou capaz... Trabalharia de noite, de dia, desempenharia os mais duros, os mais baixos officios, e quando voltasse para casa, suarento, exhausto, tu serias feliz, feliz como ninguem, só porque eu levaria um pão branco e alguns doces... Comprehende-me, Marina... Emquanto que agora... Casar-te-ás commigo... Não usarás siquer meu nome... Não precisas delle. Continuarás sendo sempre tú. Tua carreira o exige... Eu serei o *marido de Marina...* Mas não penses que é orgulho, vaidade masculina... Juro-te que não... O que os outros disserem não me importa. Só tu me importa... O que serei eu a teus olhos, o papel que desempenharei em tua vida... Quando éramos apenas amigos, lembras-te?, costumavas dizer-me tuas ansias de repouso... Querias um peito forte onde esquecer todas as tuas dôres, todos os teus sacrificios...

Marina abraçou-o.

— Cala-te! Descansarei neste... Parece-te pouco forte?

Houve um longo silencio.

— Pobre Marina! Eu não saberei sinão querer-te e fazer-te soffrer... Até serei uma carga para ti...

— Triumpharás juntamente commigo. Por que não?

— Si eu não sei fazer nada. Para que sirvo eu?

— Ajudar-me-ás...

Vendo, porém, nos olhos delle, a mesma dor, se interrompeu.

— Eu te procurarei um emprego, onde, trabalhando, farás uma personalidade... Verás... Pensarei. Trabalharás muito. Eu te secundarei... A' noite, pertinho da estufa, estudaremos nossos projectos... Tu os modificarás á tua vontade.

E o homem, cuja dôr era tão sincera, sentiu lisongeada sua vaidade e teve, nos braços della, que mentia generosidade, a luz de uma esperança.

Suspirou profundamente sobre o hombro de Marina.

— Si soubesses!...

Ella apertou-o mais contra si. Suspirou tambem. Fechou os olhos. Quizéra tambem dizer: "Si soubesses!"

Mas... para que? Bem sabia ella que tudo o que havia dito Oswaldo era verdade, como era verdade a dor do homem. Mas tambem era verdade que seu sonho, ao se tornar realidade, havia mudado muito... Em vez do homem forte, dominador, generoso, intelligente..., o rapaz simples, bom, nobre, sem iniciativas...

Que lhe havia dado a vida? Cargas, sacrificios, penas, lutas... Já queria descansar. Essa gloria, essa popularidade, que a elle doia, ella a deixaria com prazer. Já quiz abandoná-la antes. Mas era preciso viver então..., e agora quando se casasse com elle, teria que viver tambem. Amava-o, é certo. Mas seu amôr, como o delle, era um sentimento incompleto.

Faltava-lhe a sensação de força, de protecção a seu lado.

A ella, seu amôr tirava sua fraqueza... Até no amôr, a vida queria que Marina fosse uma mulher forte.

SILVIA GUERRICO

A joven senhora fez um movimento de hombros, como si a pergunta do homem, que está em pé deante della, fosse inadmissivel e insensata. Elle se approximou do sofá onde se achava ella. Naquella sala vulgar do hotel, o sol, através das cortinas, derramava uma luz de ambar. Pareciam dois phantasmas que conversavam em pleno dia. estavam a dois passos de distancia, eram jovens, não sommando meio século a idade de ambos.

Elle pediu de novo. Ella não respondeu.

Então, vencido por sua obstinação, não encontrando mais palavras, se refugiou no passado. Como o recordava todo! A manhã fria de inverno, a alameda da igreja, Diana em traje de noiva, apoiada no braço do marquez de Sorges. Tremia Estava toda branca e triste, sob a saudação triumphal do orgão, com o olhar fixo, a que os cirios festivos davam um brilho como de lágrimas. Havia então sentido, de repente, sua vida truncada, perdida para sempre, pois Sorges era seu amigo de infancia, quasi seu irmão. Seria um crime!... No emtanto, amou-a durante quatro annos. Amava-a ainda, sem que ninguem, nem ella propria, o suspeitasse.

Como occorreu isso? Como a paixão o dominou tão bruscamente? Não o sabia. Nem sabia por que a imagem daquella noiva ruborizada e ti-

CONFISSÃO SUPREMA

mida, daquella delgada creatura, que tantas vezes fôra sua companheira de diversões, se impunha agora em sua existencia. Talvez porque lhe causasse pena, porque se via um desespero em seu rosto, porque ia para sua nova vida, como para um grande sacrificio. Encontraria os carinhosos cuidados de que necessitava uma natureza que conservava a sensibilidade e timidez da infancia? O menor choque seria fatal! Sorges era bom. Mas dessa bondade do leão cujas caricias machucam, e, encolerizado, era quasi sempre violento. A's vezes, brutal...

Qual seria o futuro delles?

No fim de um anno, nasceu uma filha: Diana. No encanto de seu novo estado de mãe, escondia sua fronte entre os bordados que rodeavam uma carinha rosada de anjo.

II

A recordação desse passado voltava a seu espirito, naquella sala, entre aquellas flôres, deante de Diana.

No meio da maior desordem, havia bahús abertos na confusão da chegada, que ostentavam, no seu conteúdo, um luxo refinado. Diana chegava da Italia. Havia um anno que não a via. Elle queria que ella tornasse a partir na mesma noite.

A joven encolhêra os hombros.

Estava cansada — já não podia occultál-o, e pedia-lhe o dissesse, em seu nome, a seu marido — cansada da vida que se lhe impunha. Vida insupportavel, mortal.

Não se defendia, pois era culpada. Mas não se fecha a casa a uma mulher, por uma simples palavra, sobretudo, quando ha uma filha.

Não o negava, pois. Não amava a seu marido. Era verdade que amava outro. Mas esse outro sempre o ignoraria. Por outro lado, o confessára ella mesma a Sorges, lealmente, por escrúpulo de consciencia, para que elle não a julgasse melhor do que era. Mas Sorges havia exigido o nome, e ella se negára a lhe dizer. Por que dizêl-o, si era seu proprio segredo? Sua franqueza provava sua innocencia. Não podia haver mais nada.

Elle a expulsára de casa? Tanto peor! Ella havia partido na supposição de que talvez elle a chamasse. Por isso, nem siquer abraçou sua filha. Não a chamava. Pois ella voltaria por causa de Margarida, para vêl-a, para levál-a comsigo, já que não podia viver sem sua filha.

Diana expunha todos esses detalhes lentamente, com tom firme, embora um soluço contido fizesse, ás vezes, tremer-lhe a voz. Seus grandes olhos, apenas abertos sob as espessas pestanas, pareciam temer levantar-se. Havia

uma contradicção estranha entre a resolução de suas phrases e a timidez de sua attitude.

Elle soffria muito.

Subito, levantou-se ella, e roçando-o quasi com seu peito palpitante, titubeando, disse:

— Foi meu esposo quem o mandou aqui, não é verdade? Annunciei-lhe minha chegada e dei-lhe meu endereço. Pelo que vejo, tudo o que mereço delle é o conselho, dado por seu intermedio, de partir de novo.

— Não. Fui eu mesmo que tomei essa iniciativa.

— Então, por que devo partir novamente?

— Porque é necessario. Creia-me: a senhora precisa deixar Paris, embora seja apenas por alguns dias. Mas sáia immediatamente! Sorges não a esperava. Elle não está preparado.

Com voz suave, ella observou:

— Não foi por elle que vim. Foi por minha filha!

E continuou, agora com voz entrecortada:

— Estou doente, sabe?, muito doente. Preciso de minha filha. Ha momentos em que me parece que vou perder a razão. Soffri tanto! Não merecia que me tratasse como uma criminosa! Bem me podiam deixar ao lado de Margarida! Seus pequenos dedos, collocados sobre meu coração, tornariam impenetravel meu segredo. Quantas vezes as filhas salvam a honra das mães!

Como que adormecida, absorta em seus tristes pensamentos, se apoiava inconscientemente nelle. Depois, os olhos abriram, de repente, brilhantes de um reflexo de aço que as loiras pestanas tornavam mais intenso. Seus hombros estremeceram sob o cabello de oiro resplandecente

O sol da tarde, beijando a moldura da janella, lambia a borda inferior das cortinas, e accentuava ainda mais aquelle tom de luz de âmbar, que os fazia parecer phantasmas.

Elle contemplava Diana sem se atrever a fazer um gesto, de tal modo o fino rosto dolorido tomava as proporções phantasticas de um sonho. Seu triste sonho de quatro annos atraz, brotado em plena luz de uma igreja, entre os accordãos dos orgãos, uma fria manhã de inverno.

EM meio do silencio, o relogio deu tres pancadas: elle estremeceu.

— Que tem? — perguntou Diana.

— Esqueci a hora: Sorges espera-me.

— E' indispensavel?

— Absolutamente indispensavel. Temos ambos que cumprir um dever...

— Um dever?

Ella formulava essas perguntas com seu olhar fixo, um pouco enternecido. Mas elle, em tom sêcco, agitado, nervoso, expunha outros argumentos, supplicando-lhe de novo.

Ella devia prometter-lhe que partiria immediatamente. Si elle insistia, era porque havia motivos sérios. De um momento para outro Sorges poderia apresentar-se ali, naquella mesma sala.

Nos ultimos tempos, sua irritação era excessiva. De resto, bastante caro já lhe havia custado a ella a experiencia. Quando elle se propunha vingar-se, nada o detinha! Ella se afastaria, embora fosse por uma semana, e elle procuraria acalmá-lo, mitigar a violencia de seu odio.

Diana, porém, obstinada, repetia:

— Não! não! não! Quero Margarida!

Entrou um criado trazendo uma carta numa bandeja de prata.

— Da parte do senhor marquez de Sorges.

Uma carta grande, tarjada de negro, como uma moldura de crépe.

— Que é isto? — perguntou Diana.

Elle empallideceu horrivelmente, e precipitou-se para ella, afim de impedir-lhe que abrisse a carta.

Mas os grandes olhos de Diana, dilatados pelo terror, já percorriam o papel. Era um convite fúnebre. Naquella mesma tarde, ás quatro horas, se realizava o enterro de Margarida.

Ella se voltou, mostrando seus dentes brancos, e, contorcendo-se em uma formidavel gargalhada:

— Amo-te! — gritou, atirando-se aos braços de seu interlocutor.

Uma duvida horrivel o fez estremecer:

— Enlouqueceu! — murmurou, aterrado.

Tinha razão: estava louca. Mas havia dito a verdade.

EDUARDO DELPIT

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 38

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 17 de Setembro de 1932

Bohemia Nocturna

— VEM cá, pequena. Conta-me a tua historia.

— Eu tenho quinze annos.

— Não é isso... Começa pelo teu nome. Como te chamas?

— Milonguita. Soy hija de argentinos...

— Não tomas um "ice-cream"?

Milonguita sentou-se á mesa do cabaret barulhento, que espoucava, numa algazarra de jazz, misturada com os gritos e os guinchos de uma bailarina cubana, (ou mexicana? ou hawaiana?) Enfeitada de plumas coloridas, como um avestruz da Australia, a mulherzinha se desarticulava, frenética.

Milonguita pediu:

— Um" whisky and soda". Antes, porém, um cigarro.

O homem displicente, que lhe falava, estendeu-lhe a carteira de prata. A bohemia recolheu um cigarro. Accendeu-o. Soprou longe, com arte, a fumaça esgarçada. Veiu o *drink*. Milonguita bebeu. Bebeu, com indolente volupia, cerrando os olhos, turvos e negros de uma tristeza vadia, que parecia muito antiga, no fundo daquellas pupillas brejeiras.

Em roda, a vida nocturna da sala: mulheres ébrias, dançando; bohemios, gozadores, libertinos... Toda uma fauna equivoca e viciada.

— Fala, Milonguita. Que fazes dentro da vida?

— Morro.

— Uma phrase?

— Não. Uma palavra vã... Morrer! E' tão estupido!

Pequena, viva, typo de boneca franceza, corpo franzino, onde se desenhavam as linhas vagas de uma flôr de volupia, atirada, precocemente, ao lado dos peccados de amor, contou a sua historia sombria, o seu romance, um pouco curto, mas atravessado de homens e loucuras.

— Que queres? — gemeu ella. — Minha mãe está no hospital. Meu pae, no cemiterio. O maninho, no barracão do morro, chóra e pede pão...

— E tu, Milonguita, que pedes?

— Peço amor e dinheiro...

E depois de uma reflexão:

— Amor, não. Peço alegria e dinheiro. Alegria, porque os meus quinze annos só conhecem da vida o lado duro e mau. E o lado duro e mau da vida é fazer o cabaret, na idade bôa em que as outras pequenas andam no Sion e recebem, ao despertar, os beijos da mamã.

E com amargura:

— Qué quieres que yo haga, hombre?

— Quero um beijo — insinúa, ao lado della, uma voz cheia de champagne.

O homem displicente dá o braço a Milonguita. Toma do chapeu e encaminha-se para a porta.

— Eu te compro o beijo que aquelle cavalheiro te pede.

Milonguita, com o seu sorriso de creança, enfia a boina na cabeça estouvada, e faz um gesto para o sujeito do beijo:

— Hasta luego, muchacho...

Bastos Portela

BUCOLISMO

EU tenho uma sympathia profunda pelos suburbios.

O suburbio é um traço de união entre a vida pedante da cidade e a singeleza dos costumes ruraes. Participa de uma coisa e de outra. E' pittoresco e perfeitamente inoffensivo.

De par com o chapeu largo do roceiro, que vem trazer productos da sua lavoura ao mercado, vê-se o vestido novo da melindrosa, que não é outra senão a mocinha pobre, a costureira ou a *vendeuse*, que adquiriu um *bungalow* á margem da via-ferrea e ali reside por conveniencia — até casar ou arranjar uma vida melhor.

E' lá que está tambem o funccionario publico em aperto, o estudante, o jornalista e o operario. Dahi as nuances diversas que apresentam as localidades suburbanas.

Ha cavalheiros graves, de pastas infladas e polainas inglezas e rapazolas que envergam marcialmente fardas de gymnasios militarizados. Ha "almofadas" que ainda usam cravo á lapella, e lêem romances de Ponson du Terrail. Mocinhas pallidas e sonhadoras que, no tram, se deliciam com as paginas insulsas de Ardel.

As ruas, esburacadas e barrentas, outras, accidentadas e feias, exhibem, durante o dia, a pobreza da sua gente sem ambições: roupas nos gramados ou nos quintalejos devassados pelos transeuntes; animaes que desfructam o pasto farto e gratuito, sem os incommodos da Municipalidade... A' noite, essas mesmas ruas impressionam pela sua melancolia lyrica, ardendo, em vigilia constante, até a madrugada, na luz fria e somnolenta dos lampeões passadistas...

Mlle. Elza Penna, alumna da professora Nicia Silva e figurinha galante da nossa sociedade.
(Photo Irmãos De los Rios).

Mas, não sei porque, — como Mallarmé, que, traçando o elogio das coisas simples, dizia adorar o realejo, que moia canções de Béranger, eu juro que adoro essa vida tranquilla, sem relevo, sem preoccupações, mescla da de civilização e primitivismo innocente...

Ha, naquelles suburbios, sitiados de morros azulados e abruptos, uma nota de poesia e belleza: o luar e os crepusculos.

Ah, os crepusculos que começam sorrindo o sorriso rubro da festa vesperal e acabam chorando a impressiva tristeza das sombras desconsoladoras e funebres!

E o luar? Esse luar que não se vê na cidade, mas que, nos campos, inunda as coisas de solidão e de sonho!

Oh, a poesia dessas coisas lindas e singelas!

Daqui, vejo uma encruzilhada deserta, que o doce luar dos suburbios enrola mansamente... E, então, como sonorizando esse quadro bucolico, cantam no fundo da minha alma os versos intimistas de Raquel Sáenz...

"*Me aparté del camino*
me alejé de tu lado,
pero perdí la vida
en el camino andado..."

YVES

Capeline de crin blanc garnie d'un ruban ciré vert degradé.

(Photo da Casa Jean Patou, de Paris, especial para FON - FON).

Andorinha quieta

— Andorinha immovel,
Que cerraste as azas,
Na manhã chuvosa,
Sobre o fio telegraphico,
Fechando os olhos tambem,
Como fóra da vida, resignada.
Que o inverno vem!

Os homens, duros, inconsci-
[entes,
Matam-te as irmãs.
Ah! mesmo de azas abertas,
Vibrando no Azul, sentiste
Que não vale a pena
Cantar e sonhar,
Que todas as cousas
São vãs.

— Andorinha triste —
Para que esperar?
No indifferente fio pousas,
Débil, pequena.
Si em mim confiasses
E desejasses
Ficar um pouco em minha mão!
Tu te aquecerias
Ao calor de minha mão!

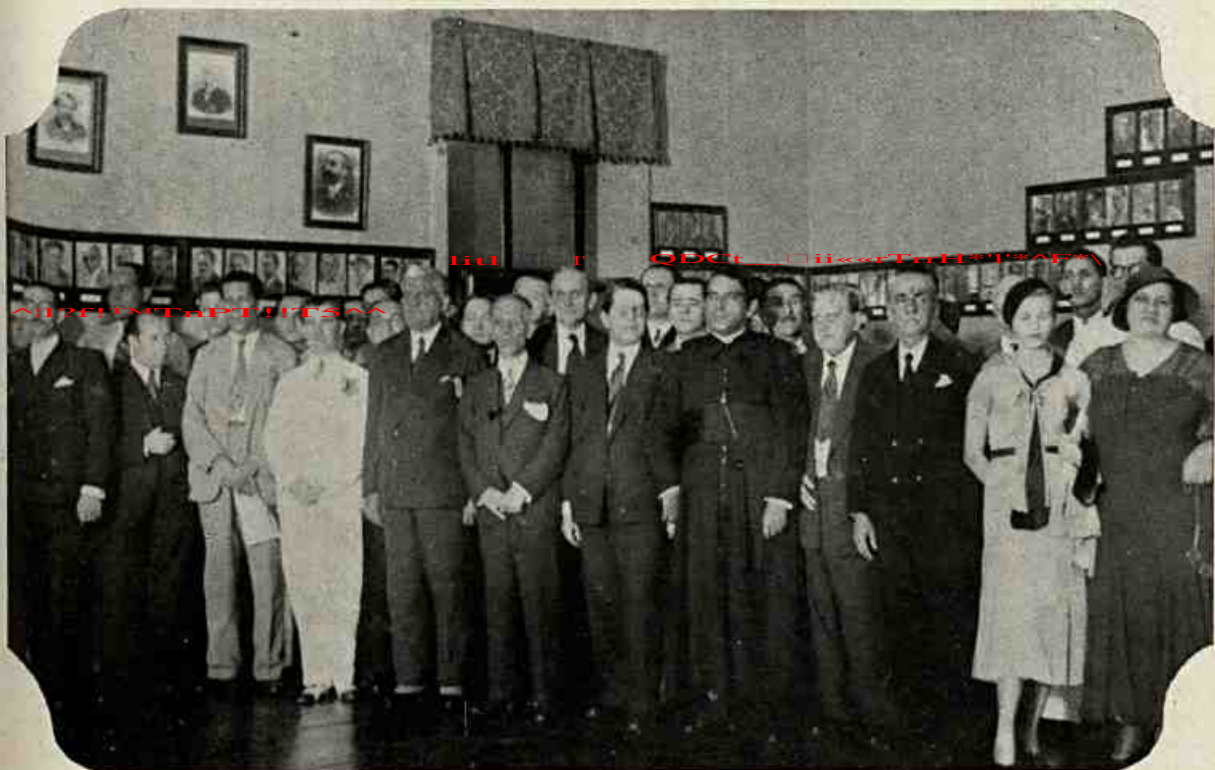
Os dedos rigidos do frio
Vão, afinal,
Deixar a tua cabecita
Do coração mais perto,
Estrangular-te a voz bonita
Com que fazias mais aberto
O sol e o céo mais jovial.

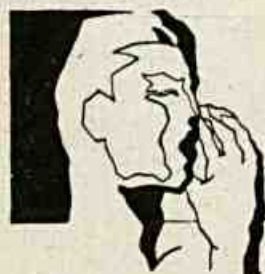
— Andorinha doce —
Teu cadaverzito
Não ganhará flores,
Nem um sorriso, uma canção:
No emtanto, sobre falsarios
Que morrem ha tantas flores!
Mas tu,—passarito—
Rolarás no pó da estrada,
Na solidão!

— Andorinha quieta —
Harmonia de azas,
Destino de poeta,
Viste que as formigas
Têm as covas e a fortuna;
Tu, só o céo e a pobreza;
Viste que as formigas
E' que felizes podem ser. . .
Morre, pensando que é prima-
[vera. . .

Morre — andorinha — !
E' melhor morrer!

Oliveira e Silva

PAULO WERNECK

A Associação Brasileira de Imprensa commemorou sabbado ultimo o dia do Jornalismo, promovendo, na sua séde da rua do Passeio, uma sessão solemne, que se realizou sob a presidencia do dr. Herbert Moses, e durante a qual foram inaugurados, conforme adeantámos, os retratos dos nossos confrades José Guilherme e Lima Barreto, sobre cujas personalidades falaram, respectivamente, Franklin Palmeira e Carlos Maul, bem como a galeria de profissionaes da imprensa offerecida á casa dos jornalistas pela Empreza Lux. O illustre presidente da A. B. I. leu, na solennidade, a mensagem que dirigiu a todos os confrades do Brasil fazendo o elogio da classe e enaltecendo os sentimentos de solidariedade profissional. O «cliché» acima focaliza um grupo tomado antes da commemoração do «Dia da Imprensa».

Com a presença de altas figuras da sociedade portugueza desta capital, inclusive o sr. embaixador Mortinho Nobre de Mello, e autoridades brasileiras, realizou-se sabbado á noite, no Real Gabinete Portuguez de Leitura, a solennidade commemorativa do 64.º anniversario da fundação do Lyceu Literario Portuguez, a prestigiosa instituição que tantos beneficios tem prestado á causa da instrucção popular na terra carioca.

O dr. Oscar Alves, illustre cirurgião brasileiro, chefe da Maternidade Visconde de Moraes e de outros serviços da Sociedade Portugueza de Beneficencia, acaba de ser condecorado, pelo governo portuguez, com a Commenda de Santiago da Espada, noticia que, certamente, será recebida com alegria pelos innumeros amigos e admiradores daquelle scientista.

UMA NOBRE FIGURA DE MULHER

ENTRE as grandes damas patricias, nobres pelo espirito e pelo coração, com quem tenho tido a ventura de privar, poucas, bem poucas causaram-me a impressão profunda e sempre grata que me deixou d. Maroquinhas Barroso (Maria Anna Cruz Barroso) ha pouco fallecida nesta capital.

Conheci-a no meu distante Ceará, ainda garoto de poucos annos de edade, em mil oitocentos e noventa e tantos, quando ella ali esteve em companhia do seu illustre esposo, major Benjamin Liberato Barroso. Eramos visinhos, na então Rua Formosa, em Fortaleza, e eu logo encontrei no moleque Benjamin — um pretinho que o casal creava — inseparavel companheiro de garotices.

Veiu, porém, a separação e desse tempo, desse convivio, apenas guardava uma vaga e carinhosa reminiscencia. Annos depois, quasi vinte annos depois, é que vim rever, o illustre casal, para, novamente, ser honrado com a sua fidalga e captivante intimidade.

Foi isso em 1914, depois da queda de Franco Rabello, e da rapida passagem do general Setembrino de Carvalho no governo do Estado.

Já coronel, Benjamin Barroso mais uma vez se achava collocado á frente dos destinos do Ceará e foi bem dura e bem rude a missão que lhe coube, e de que elle se desobrigou com admiravel abnegação, dando as mais amplas demonstrações do seu inexcedivel amor á terra natal.

A' frente de "A Tarde", jornal de minha direcção e propriedade,

O dr. João Feliciano Xavier, que se formou recentemente pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, acaba de defender, com brilho, a sua these de doutoramento, intitulada «Ensaios de capilloroscopia», approvada com distincção pela banca examinadora presidida pelo professor Miguel Couto e composta dos professores Rocha Vaz, Luiz Barbosa, Clementino Fraga e Oswaldo de Oliveira.

(Photo Irmãos De los Rios).

collocado em campo politico contrario, fiz elevada opposição ao seu governo, nos primeiros mezes de sua administração. Isso, porém, não estremeceu as nossas relações, antes contribuindo para mais estreitál-as e, já em 1915 — um dos annos mais fatidicos que pesaram sobre o Ceará — era eu quem me rendia deante do elevado e altivo patriotismo de Benjamin Barroso em meio á calamidade da secca impiedosa que devastava o Estado.

Foi nessa epoca que comecei a admiral-o e a venerar em sua nobre esposa um dos prototypos da inexcedivel bondade da mulher patricia.

No meio do quadro dantesco que offereciam milhares de conterraneos flagellados, pervagando, esqualidos e famintos, os sertões combustos, em busca das cidades do litoral, deslocando-se em massa, de preferencia, para a capital do Estado, uma mulher, nobre entre as mais nobres, fazia de seu coração o amparo, a Providencia, o refugio sagrado dos desventurados cearenses torturados pela fome, pela miseria, pelo soffrimento.

Aquelle coração de mulher abriu-se em sementeira do bem, floriu e fructificou em seara farta e milagrosa da Bondade, e fez-se hostiario de Caridade.

D. Maroquinhas Barroso desdobrava-se e seu vulto nobre, consolador e munificente, surgia aqui e ali, illuminando corações, mitigando soffrimentos, alentando, carinhosamente, animos combalidos.

Paz á alma desse Anjo da Caridade que Deus, um dia, enviou á minha terra soffredora para amparo e consolação dos cearenses, nos seus mais rudes e dolorosos momentos de cruciante provação.

ELCIAS LOPES

O dr. Alberto Moraes Coutinho, é hoje, um nome de destaque nos meios medicos da capital. Entrando em concurso, o dr. Moraes conquistou, com brilhantismo, o titulo de livre docente de clinica cirurgica da Universidade do Rio de Janeiro.

JESUS

Que lhe importava o "não" e a zombaria e o asco
que Roma devotou á Doutrina futura?
E a corôa de espinho? E o rebenque carrasco,
fazendo de seu corpo um campo de tortura?

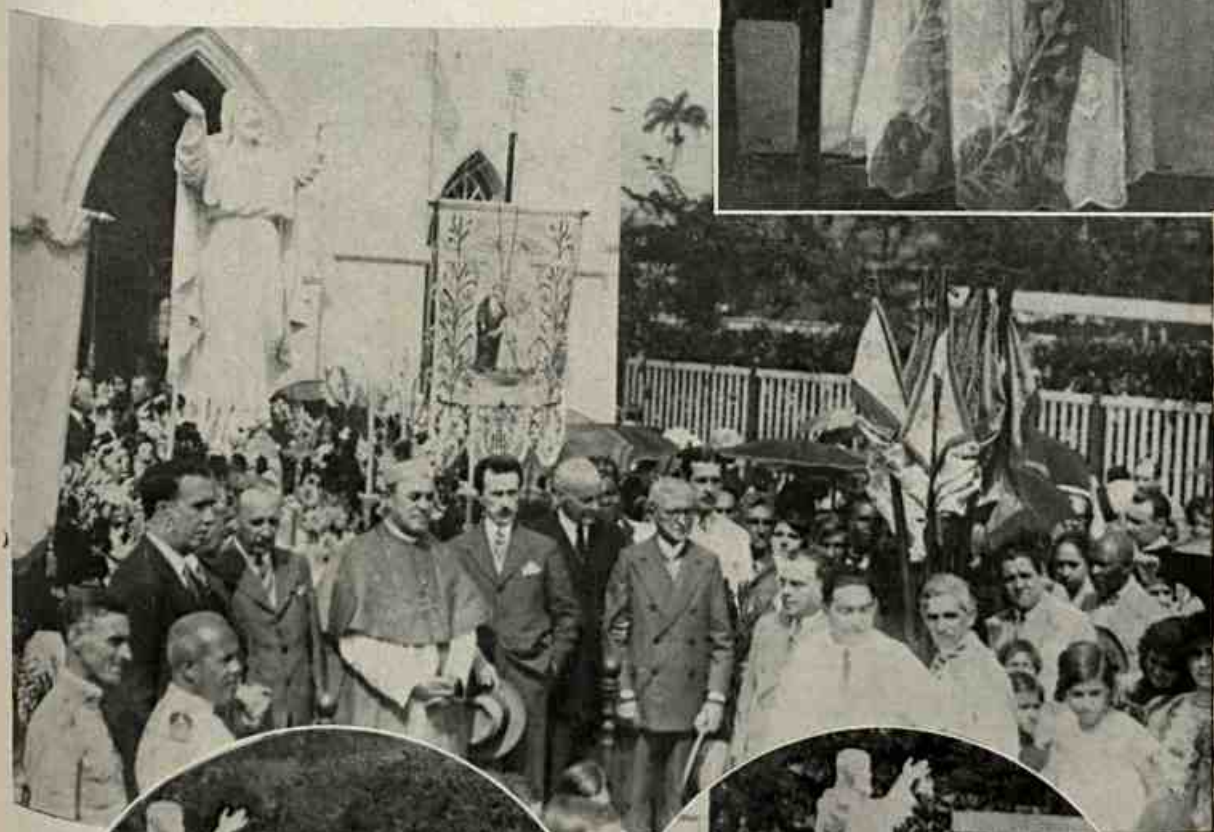
E a palma que, nas mãos, symbolizava o chasco
da Civilização Occidental impura?
E o peso do madeiro? E as quedas no penhasco?
E o Calvario assassino? E a fria sepultura?

Que lhe importava, emfim, o pranto de Maria,
cuja felicidade em breve voltaria,
num eterno viver de glorificação?

Mas ver o Mundo aos seus supplicios impassível...
...E Jesus sucumbiu, porquanto era impossível,
mesmo ao Filho de Deus, a dôr da ingratidão.

FIGUEIREDO SILVA

CHRISTO DA PAZ

Empolgante, pela sua alta significação religiosa, foi a ceremonia que se realizou no dia 7 do corrente, junto ao monumento do Christo da Paz, no jardim fronteiro ao Asylo de N. S. de Pompéa, no Meyer. Teve inicio a solennidade com uma missa campal, na qual foi implorada a intervenção divina para a pacificação dos espiritos. Foi celebrante s. ex. revma. o bispo d. Mamede, fazendo-se representar ao acto religioso varias congregações e irmandades desta capital. Durante o dia, os portões do Asylo foram abertos e franqueados á visitação dos fieis. A nossa gravura focaliza aspectos da cerimonia religiosa.

Caverna de Ali Babá

ANECDOTAS LITERARIAS

Estreava-se certa vez, num theatro de Londres,

João Luso, que fóra da vida literaria se chama Armando Erre, e é um nome de grande destaque nos meios intellectuaes do Brasil e de Portugal, escreveu mais um livro: «Viajar», em que reuniu impressões de excursionista deslumbrado deante da belleza do mundo, fixando aspectos bem seductores do que poude ver de novo em Lisboa, em Paris e na Italia, na sua recente visita ao velho continente. Com rua fina sensibilidade de artista, João Luso nos mostra, nas paizagens que enchem de luz o seu «carnet» de viagem, apenas as «feições amaveis» das coisas, sem os detalhes que amargam a realidade da vida. «Viajar» é, por isso mesmo e pelo estylo que movimenta brilhantemente as suas paginas, um livro que se lê com encanto crescente, sorvendo a emoção inquieta e apressada que João Luso soube derramar nessas chronicas luminosas.

uma das obras de Bernard Shaw, mestre da ironia.

Um publico immenso, delirante de enthusiasmo, enchia todos os lugares da sala. No meio delle se achava o mordaz escriptor irlandez, na espectativa do effeito que causaria a primeira representação de sua peça.

O exito foi formidavel. Choviam applausos. Mas parece que nem todos os presentes estavam de accordo com elles, porque o vizinho immediato do autor, na platéa, se levantou e ergueu um protesto:

— Basta, senhores! A obra não merece tudo isso!

Ahi o autor do Carro de maçãs lhe tocou no braço e disse:

— Sou tambem de sua opinião, cavalheiro, porem que poderemos fazer nós dois contra toda essa gente?...

* * *

Fritz Manthner, o afamado critico, israelita, encontrou-se durante uma viagem com tres estudantes. E, como ia distrahido, lendo um livro, sem prestar a menor attenção á conversa de seus companheiros occasionaes, estes decidiram dirigir-lhe a palavra da seguinte fórma:

O primeiro:

— Bom dia, tio Abrahão!

O segundo:

— Salve, tio Isaac!

O terceiro:

— Como vae, tio Jacob?

Manthner levantou os olhos do volume e respondeu, sorrindo:

— Enganai-vos, moços. Não sou Abrahão, nem Isaac, nem Jacob, mas sou Saul, enviado por seu pae em busca de tres burros perdidos. E quem me diria que estava tão perto?...

(Cont. na pag. seguinte)

O coronel Aguiar Filho é uma das figuras mais brilhantes do nosso Exercito, em cujo Corpo de Saúde vem servindo, ha longos annos, com rara dedicação e intelligencia. Na direcção do Laboratorio Chimico Militar, onde se encontra ha precisamente um anno, o coronel Augusto Manoel de Aguiar Filho vem introduzindo magnificos melhoramentos naquelle estabelecimento technico, que tantos serviços presta á causa da saúde dos nossos soldados. Commemorando o primeiro anniversario de sua gestão, alli, os officiaes e civis daquelle estabelecimento prestaram ao illustre militar carinhosa manifestação de apreço.

CAVERNA DE ALI-BABÁ

(Conclusão)

Durante um festival de caridade a que havia sido especialmente convidado, Bernardo Shaw, afim de dar uma nota humoristica, pôz-se a dansar com uma solteirona feiissima.

— Oh! senhor Shaw, exclamou ella, toda derretida, não sabe quanto lhe agradeço que me tenha escolhido como seu par constante!

— Oh! minha senhora, replicou logo o velho ironista, nada tem que me agradecer. Então, não estamos porventura numa festa de caridade?...

SÉSAMO

Foi solennemente inaugurada, na matriz de Copacabana a Casa do Pobre, instituição de caridade fundada por iniciativa de um grupo de catholicos a cuja frente se encontra sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, que presidiu á cerimonia realizada na penultima sexta-feira. Compareceram ao acto, além dos fundadores da Casa do Pobre, altas autoridades e figuras representativas da «élite» carioca. Offerecemos, nesta pagina, dois detalhes photographicos da solennidade, vendo-se a mesa que presidiu aos trabalhos da mesma e um grupo á sahida da matriz de Copacabana.

As reportagens de FON-FON na Europa

O renascimento de Venus

O concurso de belleza de 1932 — "Miss Brasil" — A eleição de "Miss Universo"

Por Bricio de Abreu

(Correspondente do Fon-Fon em Paris)

«Miss Universo 1932».

NINGUEM acreditava que o concurso de belleza deste anno pudesse ter a repercussão e alcançar o successo que alcançou. Passado de moda, já, estes últimos annos, perdera elle todo o prestigio e brilho que fizeram o enorme êxito dos seus primeiros dias. Em Paris, ninguém lhe dava mais importância a critica mordaz, a ironia subtil e o debôche mesmo, que nos ultimos tempos acompanhavam as noticias dos jornaes parisienses a seu respeito, fizeram com que o publico se desinteressasse. Por isso, quando Maurice de Waleffe veiu procurar-me, na agencia do Fon-Fon, em Paris, afim de que o organizássemos no Rio de Janeiro, tive um certo receio, escrupulo mesmo de propôr tal coisa á direcção dessa revista. Apesar do successo que, como correspondente de "A Noite" em Paris, havia eu obtido para a organização de 1930 no Brasil, conclui que a nossa actual situação politica não nos permittiria uma empreitada de tal ordem, sem que fossemos passíveis da eterna critica dos collegas. Comtudo, enviei a Sérgio Silva e a Gustavo Barroso a proposta de Waleffe. A resposta não se fez esperar. Impossivel! Varias razões eram dadas. Inopportunidade, falta de tempo para uma eleição consciencíosa, etc. E eis por que a "miss Brasil 1932", que figurou com enorme brilho no certame de Spa, não foi eleita no Brasil, mais em Paris.

Vinte e oito nações figuravam no concurso sendo 8 da America do Sul. Seria deplorável que, entre ellas, não figurassem o Brasil, dada a enorme reclame que, em toda a Europa se fazia do concurso, o que redundaria em admiravel propaganda para nós caso não estivessemos dignamente representado. Por suggestão do proprio De Waleffe, e depois de verificado que existiam 12 candidatas brasileiras, admiravelmente bellas, em Paris, ficou resolvido constituir-se um jury de jornalistas, pintores e esculptores brasileiros, afim de proceder-se á eleição. — Eu, pelo FON-FON; José Jobim, pelos "Diarios Associados"; T. Clemenceau, pelo "Cruzeiro"; E. Montarroyos, pelo "Jornal do Commercio"; Olavo Freire, pelo "O Globo"; T. Barreto, esculptor, e J. Ribeiro, pintor. Eis como ficou constituido o jury, que, após cinco reuniões conse-cutivas, elegeu mlle. Yeda Telles de Menezes, a mais bella brasileira residente em Paris, para figurar como "Miss Brasil" no concurso de 1932 em Ostende e Spa.

Eu, que fiz parte do jury internacional em Spa para a eleição de "Miss Universo", posso garantir que melhor escolha não se poderia ter feito e tenho duvidas si, caso a eleição se houvesse realizado no Rio, a escolha tivesse sido tão acertada. Ahi estão os jornaes francezes e belgas e o proprio cinema para provarem.

Filha da grande cantora Julieta Telles de Menezes, "miss Brasil 1932" só foi motivo de satisfação e orgulho para nós. Admiravelmente prendada, com a desenvoltura que caracteriza a "jeune fille" da aristocracia moderna, com uma cultura invulgar, um corpo esculptural e uma elegancia ingenita coadjuvada pelos maiores costureiros de Paris, foi alvo de todas as attenções e, não poucos jornalistas ficaram captivos de suas qualidades, como De Gobard, o grande chronista do "Intransigeant", e Gelbart, director da "Meuse", que nunca a tinham visto e que lhe dedicaram magnificos artigos. Quem acompanha annualmente a eleição de "miss universo", por dever profissional, como eu, póde dizer claramente, e sem medo, que nunca em nenhum concurso, uma brasileira obteve tanto exito como o de mlle. Telles de Menezes este anno. Rejubilemo-nos e façamos votos para que a de 1933 possa dar a mesma satisfação.

Ostende é uma das praias mais encantadoras do Norte da Europa. A sua belleza e o luxo que caracteriza a sua estação attrahem aos seus encantos milhares e milhares de turistas. Spa é, hoje, a pequena cidade thermal, famosa pela abdicação do Kaiser e pela primeira conferencia da Paz. Suas qualidades medicinaes são notorias. [illegible] la Poincaré encontra allivio para o rheumatismo que o consome; Paul Valery vae buscar a tranquillidade para as suas aspirações, na cura de um mal que ninguem poderia suppôr atacasse um grande poeta. Este anno, a attenção de toda a Europa estava voltada para esses dois recantos deli-

«Miss Brasil».

«Miss França».

«Miss Allemanha».

«Miss Yogoslavia».

«Miss Europa».

Belgica.

Desde janeiro ultimo que em todo o velho continente e na America do Norte, intensa e formidavel propaganda se fazia em torno da eleição de "Miss Universo 1932", em Spa e Ostende. Nessa enorme propaganda chegou a gastar a admiravel cifra de 10 milhões de francos belgas. Era de prever, portanto, o enorme exito da iniciativa. [illegible] o concurso era [illegible] como o era em 1930 [illegible] onde o successo foi enorme, quando em Paris já ninguem falava nelle. Por isso, o desfilar das "misses" attingiu a verdadeira apotheose. A chegada das encantadoras "beautés" a Ostende foi qualquer coisa de extraordinario, tal a enorme massa de povo que as esperava. Basta dizer que os jornaes detalhavam no dia seguinte [illegible] mortes por suffocamento entre a multidão. Em Ostende, como em Spa, pagava-se a peso de ouro um pequenino quarto em sórdido hotel. A cidade tinha o aspecto do Rio de Janeiro em noite de Carnaval: transbordava de gente, no casino, na praia, pelos cafés e restaurantes, etc.

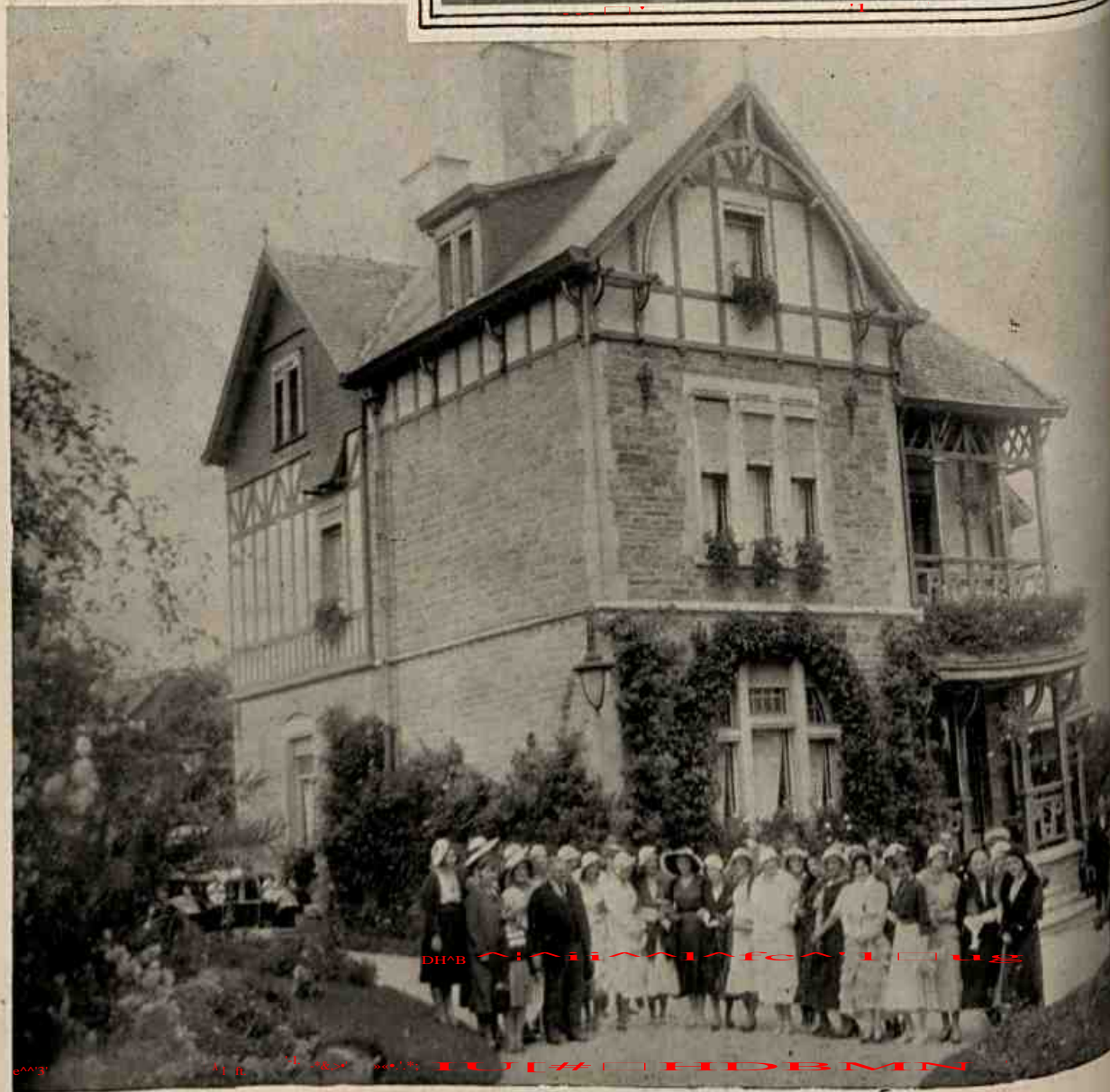
Em toda a Europa, não ha quem desconheça o nome de Marquet Fils. Grande industrial belga, é uma das fortunas mais sólidas do velho continente, esse homem, de uma actividade espantosa, de um dynamismo atordoante, não se contentou em ser o fabricante dos admiraveis autos "Minerva", do melhor chocolate da Belgica, das minas de ferro, de ter dotado todas as grandes praias européas, como Nice, S. Sebastião, Deauville, Santander, Ostende e as grandes cidades de Paris, Madrid, Bruxellas, Lion etc., dos grandes Hoteis-Palacios — "Les Grands Hotels Europeens", e quiz ser, também, o creador da "Venus", de "Miss Universo 1932". E o conseguiu de uma maneira triumphal, fazendo renascer em toda a Europa, a peso de ouro, o enthusiasmo e a attenção do publico para uma coisa já "demodé" que era concurso de belleza. A tal ponto chegou o successo de sua iniciativa, que já se fala, em vários jornaes, no concurso de 1933!... Filho de Ostende, era natural que quizesse elle realizar o certamen em sua cidade natal. Ostende e Spa, gastaram com o concurso 32 milhões de francos, mais os seus casinos, hotéis, theatros, cinemas, cafés, bars etc., durante um mez recusavam clientes, de tão cheios... E tudo isso foi obra de um só homem, de uma só cabeça, talvez a mais cara de toda a Europa — a de Marquet Fils.

Deixemos os festejos enormes, os presentes, as recepções, os passeios admiraveis que foram offerecidos ás "misses", em Ostende, Nantes, Namur, Liege, Bruxellas as celebres grutas de "Hans", ao admiravel "Chateau d'Ardennes" (tambem de Marquet Fils") e passemos á eleição de "miss Universo", em Spa, e á sua coroação em Ostende.

(Esta chronica terá a sua conclusão no proximo numero).

«FON-FON» NO CONCURSO DE BELLEZA INTERNACIONAL DE SPA

Aspectos tomados em Spa, durante a visita das «misses» de 1932 á linda cidade da Belgica, onde se realizou o concurso internacional de belleza do corrente anno. O correspondente especial de FON-FON em Paris, sr. Bricio de Abreu, que fez parte do jury do certamen, representando esta revista, ladeado por «misses» França e Allemanha (á esquerda) e Yugoslavia e Inglaterra (á direita). As rainhas de belleza deixando o bello edificio do Golf Club, daquella cidade, que é, tambem, uma das maiores sociedades congeneres da Europa, após o aperitivo que alli lhes foi offerecido. Em baixo: a villa «Ma Jacquy», residencia do grande financista Deitz, que, como um dos organizadores do concurso, offereceu elegante recepção ás representantes da formosura internacional. O palacete Dietz é famoso pelas suas flôres, cujo prestigio já transpoz as fronteiras da Belgica. Na outra photographia podemos apreciar, num instantaneo, o sorriso e a graça de «misses» Colombia, Italia e Russia.

(Photographias do Serviço Especial de FON-FON na Europa).

HELENA DE IRAJA', que é um espirito de élite, e figura muito conhecida em nossos meios mundanos e intellectuaes achava-se, desde algum tempo, afastada da nossa vida literaria. Antiga collabadora do "FON-FON", onde sempre se destacou pelas suas paginas brilhantes e originaes, volta a illustre escriptora a honrar o nosso semanario, com a sua collaboração. Aos nossos leitores offerecemos hoje uma brilhante chronica de Helena de Irajá, na qual, como se vê, estão reunidas as virtuosidades da joven e festejado escriptora.

Helena de Irajá.

O "feio que ama"

(Especial para "FON-FON")

De Helena de Irajá

ATRAVÉS do romance, da novella e da lenda, ainda escriptores, criticos e poetas se não lembraram de salientar em conjuncto — na creação alheia imaginaria, ou na verdade amarissima — o papel doloroso do "feio que ama".

Emtanto, que manancial de inspiração nos traz esse aspecto psychologico a se estudar!

Comecêmos por Perrault, o bom Perrault das fabulas doiradas que nos enchêram a meninice de acalanto, fazendo-nos esperar uma vida tão outra e magnifica.

O seu principe disforme — que significaria essa fealdade? Ausencia talvez de amar? — é, apesar de tudo, o mais feliz, pois, mercê de amar, adquiriu a fórma bella que um maleficio lhe roubára injustamente. Porém os outros, pobres de figura, de almas tão lindamente nobres e altruisticas, feios como a aranha que inspirou piedade a Gabriela Mistral, esses nunca obtivéram milagre metamorphosico e, grilhêtas do horrôr, padecêram uma existencia inteira, sem o tinir suave dum só beijo de mulher.

Surgem todos ante a minha visão imaginativa e mnemónica, em desfile tragi-comico, retomando as máscaras grotescas no mysterio da vida má que os estigmatizou.

E' o sineiro de Hugo — paradygma eterno de feiura anormal que, encerrado na sua torre, tem ululos de féra raivosa para a multidão escarninha, e carinhos maternaes para com a pequena dançarina que busca refugio entre as parêdes do templo, já marcadas pela Némesis implacavel.

E' Cyrano de Bergerac, gascão sublime de heroismo, espadachim sem rival, poeta inegualavel, a quem o pudor da mingua de varonil belleza obriga a occultar na sombra todo um lyrismo inflammado de paixão, transbordante de enthusiasmo.

Falar através... de outro, o preferido e amado, embora néscio, e sentir em si a cruel amargura do contraste: uma alma épicamente soberba encarcerada no bôjo mesquinho de um corpo torturado!

Depois... depois... não deformado, mas feio, Leopardi, o taciturno, ue offertaria radiante o seu genio inteiro, *por um par de olhos, capazes de escravizar Nerina...*

Mais ainda: á Custódio, o aleijado de Julio Dantas que, apupado pela canalha, procura dessedentar-se no amôr miragem que dedica a Severa, essa cigana de pélle doirada, viciosa mas magnanima, a ponto de se expôr a perder o seu marquês, antes de deixar maltratar covardemente o desprezado da sorte.

Si em tragico ramalhete de infortúnio reunissemos as dôres de todos esses desditosos á conta da deformidade physica; si pesassemos o pranto sem lagrimas dos seus olhos orphãos de affecto, ante a indifferença zombeteira que os persegue, rio algum seria mais caudaloso, nem savana mais vasta, no immensuravel universo da desgraça humana!

E se tornaria symbolo o "Homem que Ri", como symbolica tambem a cegueira desejada pela heroína de *O Rosario*, afim de perpetuar uma doce mentira no espirito do ser amado.

Ah! E' que para os desherdados da felicidade para os que não pódem amar, a lanterna de Psyche fére demais, espesinhando-os tambem.

Mas as suas proprias almas, *vibração idealizada dos sentidos*, palpitam-lhes, sóbem, ampliam-se em compensadora esthesia, na renúncia e na morte, integralizando-se dentro do mysterio, transformando-se pela vastidão cósmica, sendo estrella a rutilar em geladas chispas de belleza, na essencia do azul perenne, em redempção suprema de consolo infinito...

O 17.º anniversario da morte do general Pinheiro Machado foi commemorado, pela familia e pelos amigos do saudoso politico e parlamentar, com varias missas em suffragio da alma do ex-vice-presidente do Senado Federal, celebradas na Igreja da Candelaria, e uma sessão civica realizada no salão nobre do Instituto Nacional de Musica.

Sexta-feira penultima, foi celebrada, na matriz da Gloria, no largo do Machado, missa em acção de graças por motivo das bodas de ouro do venerando casal almirante dr. João Francisco Lopes Rodrigues-d. Maria das Dores Capella Rodrigues, que apparece no grupo acima, cercado pelas pessôas presentes a esse acto religioso.

*** O professor Alcibiades Delamare, que já deu á publicidade, nos primordios deste 1932, um livro, que alcançou um grande exito de livraria, *A Bandeira do Sangue*, brevemente, ainda no correr deste mez, offerecerá ao julgamento da critica tres novos livros: *...na vóz da Historia*, editado pela casa Galdino Loureiro, da Bahia; *Amôres da velha guarda*, lançado por Schmidt Editor, e *Soldado de Christo*, edição da Livraria Catholica. O escriptor de *Maria de Magdala*, de *Samaritana* e de *Martha de Bethania* tem prompto para o prélo o 4.º volume da sua série de perfis evangelicos, este intitulado *Veronica de Aquitania*. Com 20 livros já dados á publicidade, o chronista de *A's Sextas-Feiras*, do *Jornal do Commercio*, é um dos escriptores de maior capacidade productora da sua geração. Professor de direito, jurista, orador, pamphletario, jornalista, estudioso dos problemas economicos e sociaes da actualidade, Alcibiades Delamare é uma expressão victoriosa da intellectualidade paulista contemporanea.

Senhora Djalma De Vincenzi e seus filhinhos Megan e Paavo Nurmi, na Quinta da Bôa Vista.

Domingo passado, o Tijuca Tennis Club realizou linda festa de arte infantil, na qual tomaram parte muitos gatos intelligentes, que representaram, no palco do salão nobre, para outros garotos e, tambem, para gente grande...

DO SUBORNO

Tudo na vida tem o seu preço, inclusive a consciencia, para os que não transigem em alugál-a ou em vendêl-a.

As creaturas humanas, que repellem a justiça em troca de qualquer estipendio, contribuem para o proprio prejuizo e para o de quem foi ludibriado, que, no caso, é a lei ou varios dos seus semelhantes. Commettem, desse modo, varios furtos, — quando não se vêm apontados como responsaveis por outras desditas, como a miseria e o suicidio.

O suborno é a victoria de uma ambição doentia, cuja cegueira não cede logar ao bom senso.

Parece que o homem subornavel esquece o cerebro e o coração para pensar tão sómente no apparelho digestivo...

ALEXANDRE PASSOS

Vera Regina, filhinha do casal Honorio-Iza Azevedo, e seus priminhos Dylah e Carlos Frederico, filhos do casal Sady-Iiza Hofmeister. Tres pequenos gaúchos de Porto-Alegre.

A PRIMEIRA COMMUNHÃO

Helena Regina de Araujo.

Neusa Rangel, filhinha do casal Rosaldo Rangel.

Heloisa Maria de Barros.

DESIGUALDADE

"Meu amigo. — Eu hoje quero fazer-me toda doçura, toda suavidade... Porque, por mais doçura, por mais suavidade que ponha na voz, no olhar, na palavra, ainda assim eu o farei soffrer. A você a quem eu quero tanto, a você!

Esse amor que você me offerece com o seu nome e a sua vida, eu não o posso acceitar.

Sou dez annos mais velha do que você. Dez annos! Comprehende o que isso significa? Eu no limiar da velhice; você no esplendor da mocidade. E mocidade sadia, robusta e ardente.

Não, eu não posso ser sua mulher. Nós envelhecemos mais cêdo do que vocês homens. A mulher aos quarenta annos é quasi velha; o homem, não. Nessa idade é que elle attinge a plena maturidade, a eclosão completa de suas faculdades.

Si a mulher é, aos quarenta annos, a flôr que murchou, o homem é o fructo... vermelho e gostoso.

Reflicta, medite sobre o que lhe digo: que seria de nós dentro de alguns annos — você, tendo a ardentia do verão nas veias, eu, pobre de mim!, carregando n'alma o frio e a tristeza do inverno?... Não, meu amigo, eu não poderei ser sua mulher. E é por isso, é por esses dez annos que pesam tanto em minha vida, e me separam de você, que renuncio ao seu amor e fujo para bem longe, bem longe de você, onde esteja ao abrigo de sua seducção e seu fascinio, meu querido feiticeiro... — Edith."

REGINA RIZIERI

Wilson, filhinho do industrial Bolivar Machado.

Licia Fabris Costa.

Fernando Augusto da Silva Carvalho.
(Photos Irmãos De los Rios).

MADAME fica no balcão florido, um tanto protegida pela vegetação. E' como si estivesse gozando as delicias do seu lindo *bungalow*, olhando innocentemente a paizagem...

Milly Portella, a festejada actriz portugueza, que fez successo no theatro João Caetano, durante a temporada Renato Vianna, continua, em outros palcos, a deliciar, com a sua arte e a sua graça pessoal, a platéa que ella conquistou.

O descampado fronteiro, realmente, convida a meditações poeticas. Mas a poesia de *madame* é outra...

Fica ao lado, onde o vizinho discrétamente passeia pelo jardim, com os olhos postos no ar...

A rua é deserta, prestando-se admiravelmente ao genero de divertimento a que ambos se entregam.

Quando os raros transeuntes se aproximam do *bungalow*, *madame* finge uma attitude angelical, e o *monsieur* acautéla-se, tomando rumo ao fundo lateral do jardim, onde não póde ser visto da rua. Brinquedinho interessante, não ha duvida, e tão bem preparado pelas mãos do destino, que até faz inveja aos pobres mortaes que se mortificam quando têm de esconder uma qualquer *madame* dos olhos curiosos do populacho...

Pois elle encontrou um balcão florido, sombrio, perdido em sitio ermo, com uma linda dona, para maior encanto da vida, e não precisa dar-se ao trabalho de longas caminhadas para achar que o Rio é uma cidade deliciosa...

Ella está perfeitamente garantida em casa, principalmente quando só, pois o vizinho até parece cão de guarda, fiel, na defesa da presa.

Pois gozem a vida, que nós não revelaremos o segredo de *madame* e *monsieur*...

E a hora da canção triste soou...

Era como si tevessem forçado a porta do paraiso.

O supremo sacrificio da separação nunca podia ter passado pela cabeça do escriptor, tão grande a felicidade que desfructava, inteiramente entregue, dominado como estava pela embriaguez de um amor quasi impossivel.

A vida tinha, para ambos, um encanto extra-terreno. Pouco importava a elle as seducções da rua, dos salões, nem os rogos das boccas femininas o desviavam para rumos estranhos. Quando lhe era dado gozar os minutos côr de rosa da vida, elle corria para os braços que se acostumára a sentir como cadeias suaves, collantes ao busto viril.

E, quando partia, cantava, alegre, na esperança de outro encontro proximo, porque assim viviam a vida.

Descuidado, como uma creança alheia a qualquer maldade, elle suppunha que a felicidade, a sua felicidade, resistiria ao proprio tempo.

Mas, a felicidade é mulher...

Fugiu-lhe das mãos, partiu, inconsciente, sem medir a consequencia do gesto.

E a hora da canção triste soou, canção eterna para os desgraçados que uma vez acreditaram no amor...

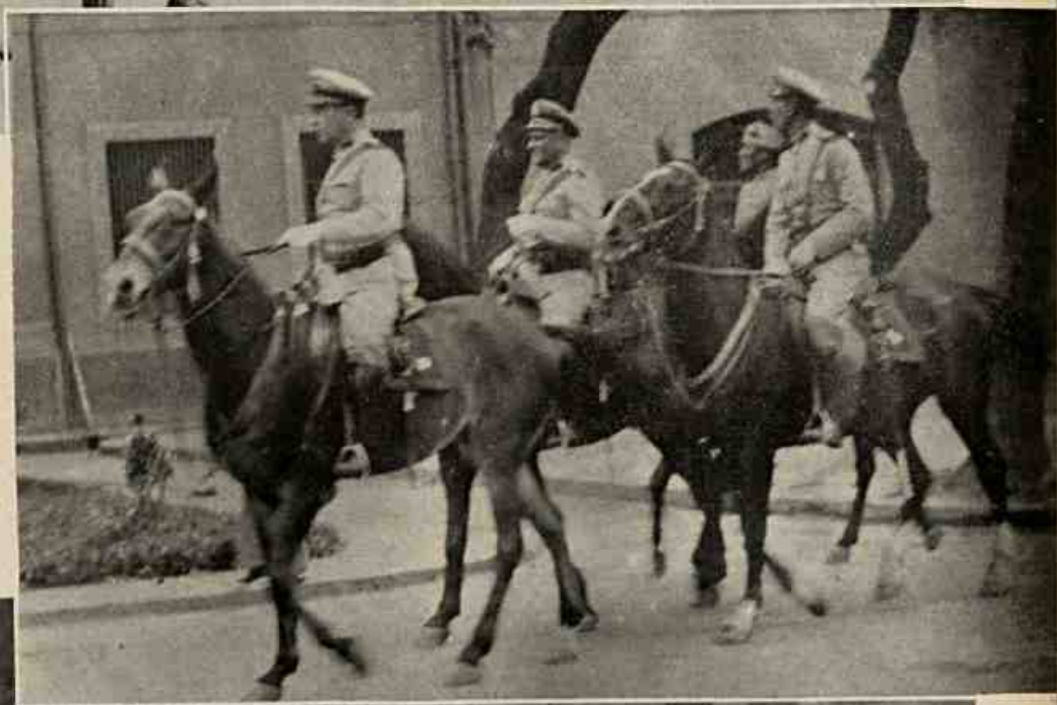
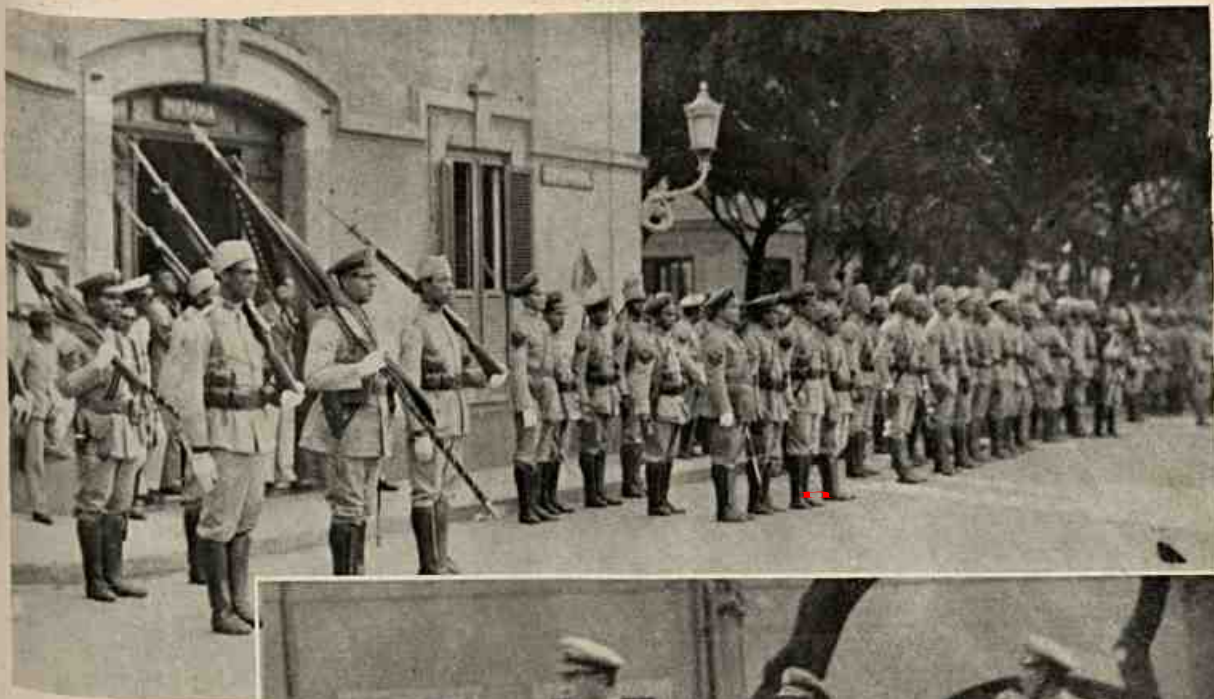
FOI durante a representação de uma comedia do theatro do Procopio, influencia talvez do nome da peça... *Feitiço*... O caso é que o medico entrou na casa de diversões, apenas para se distrahir um pouco, reparou na belleza de um rostinho, e sahiu... enfeitiçado. Na rua, seguiu de perto a dona de uns olhos côr de aço, entrou no mesmo bonde, saltou no mesmo ponto de parada, certificou-se da moradia da garota, e agora lá anda elle todos os dias pela calçada fronteira, representando o papel de collegial, esquecido de que tem credenciaes para bater palmas, pedir licença e entrar, porque ella está louquinha pelo annel de esmeralda que elle traz no indicador.

E' preciso aproveitar emquanto o feitiço está a todo o panno, porque, depois, a pequena, que é sabida, póde não concordar com os passeios do esculapio pela rua onde móra.

Tudo depende do desenrolar dos acontecimentos... Ella tem um priminho em armas e, quando elle voltar, o medico corre o grande

Gildo, filhinho do dr. José de Freitas Bastos e de d. Linda de Freitas Bastos.

risco de encontrar um dia a janella fechada e os olhos côr de aço espiando pelas venezianas...

Quando a opportunidade se nos offerece, é preciso agarrál-a pelos cabellos...

A data de Sete de Setembro não teve, este anno, as commemorações militares de sempre, em virtude da situação anormal que o paiz atravessa. Apenas houve um desfile do Corpo de Fuzileiros Navaes, que sob o commando do capitão de mar e guerra Melciades Portella Ferreira Alves, sahiu do Arsenal de Marinha e foi até a praça Tiradentes, onde prestou continencias á estatua de Pedro I.

Grupo tomado na séde da embaixada japoneza, por occasião da primeira recepção que o embaixador Kiujiro Hoyashi cffereceu aos seus compatriotas residentes nesta capital.

O Movimento Social Brasileiro, que festejou a 6 do corrente o seu primeiro anniversario, offereceu, no dia 8, em sua nova séde, uma recepção á imprensa, a cujos representantes foram prestadas, alli, as mais expressivas homenagens de sympathia e apreço.

FON-FON no Cinema

CASAR E DESCASAR

Da Paramount

com Carole Lombard, Ricardo Cortez, Paul Lukas e Juliette Compson

TER dinheiro para tudo constitúe, ás vezes, em logar duma felicidade, uma maldição. Era o que se passava com Penelope Newbold, filha unica de pae millionario, que lhe fazia todas as vontades.

A despeito, porém, dessa bôa disposição para com a filha, Mr. Newbold não poude deixar de a recriminar, ao saber dos seus amores com Bill Hanaway, um rapaz muito bem parecido, sociavel, distincto, mas que vivia de "expedientes", á cata de uma noiva rica. Penelope, ou Nep, como o chamavam em familia, tinha-se divorciado havia pouco de Stanley, um outro doidivanas como ella, e quando o pae esperava que tomasse juizo, surgiu a pequena com o noivado do Bill!

— Si não me der bem, descaso-me... — diz Nep ao pae, com um dar de hombros, de quem olha o casamento como um negocio.

— Então, queres levar a vida a casar e descasar, sem mais aquella? Achas que isso é bonito? E' porque tens dinheiro de sobra e por isso assim te portas...

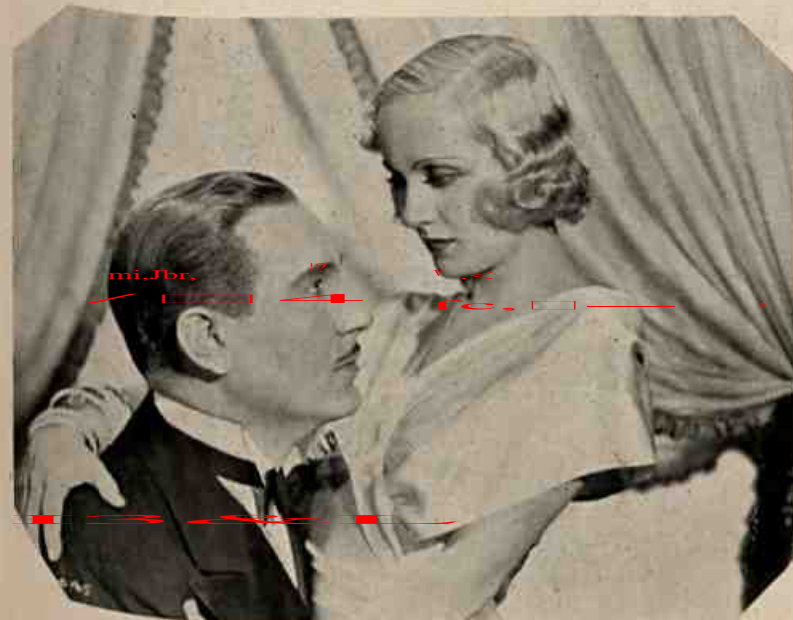
Para ella, o amôr era um caso secundario no casamento.

Num ultimo esforço para conciliar as loucuras da filha com uma vida mais sobria e mais calma, Mr. Newbold convida o dr. Bimis, um seu amigo de Nova-York, para os visitar na Florida, onde residem, a ver si assim, por um desses acasos da sorte, Nep por elle se engraça e deixa de mão o noivado com Bill.

O dr. Bimis chega e, mais tarde, ao voltar Nep de umas correrias em bote-automovel pelo quadro do porto, é-lhe apresentado. A pequena não deixa de encontrar algum interesse no facultativo, talvez como mero proposito de borboletar em torno da flôr de suas incomparaveis phantasias. Quanto ao medico, diga-se logo de começo, o seu interesse pela pequena não podia ser mais patente, embora se resentisse, sendo um homem de vida regulada e de pouca sociedade, que ella fôsse assim tão voluvel.

Muita festa, bôa musica, canto, danças.... A familia Newbold fazia questão de bem divertir os seus numerosos convivas. Em dado momento, porém, apparece, sem ter sido convidada, uma visita de surpresa: uma amiga de Nep, como ella divorciada. Sue Folsom, que sempre gostára de Bill, tinha sabido do noivado e vinha vêr o que ainda podia fazer para que tal não se realizasse.

Bill, a despeito do seu genio leviano, começa a notar as attenções do medico para com a noiva e, o que mais o aborrecia, Nep correspondendo.

Sue, por sua vez, não deixa de tirar proveito desse estado de coisas. Por occasião de uma partida de polo, em que Bill sae vencedor, Nep vae cumprimental-o, mas o noivo, bastante carrancudo, diz-lhe á queima roupa:

Talvez a fizesse mudar de idéa.

Dois rivaes na lucta... pelo coração e pelo dinheiro.

— Guarda os teus parabéns para o dr. Bimis... Estimo que te divirtas com elle. E eu me divertirei como bem me pareça...

Nep fica fria com a sahida de Bill... Mas, que fazer? Submetter-se.

* * *

— Nep, eu te amo!... — confessa-lhe o dr. Bimis, ao promettêr-lhe casamento. Irritada com o que lhe fizéra Bill e pela recente desforra que tomára, fazendo-se intimo de Sue, o ex-noivo de Nep não merecia senão uma revanche, que o deixasse para sempre arrependido. Assim, em logar de acceitar o casamento pelo systema prudente, com pedido, consentimento, participação á sociedade, data official, e a consummação do acto, na igreja, com festa solemne, etc., etc., prefere Nep casar-se nessa mesma noite.

— Si queres casar commigo, ha de ser hoje; agora mesmo. Iremos a uma villa que fica aqui perto. Lá casaremos e iremos no trem das onze para Nova-York! Estou prompta, — diz a filha do millionario, com os olhos brilhando de alegria.

Trabalho difficil e perigoso.

Bimis e Nep chegam á villa. Despertam o escrivão de casamento, que já estava dormindo. Este toma todos os apontamentos e Bimis, então, vae despertar o juiz, mas quando volta com o magistrado — assombro! — encontra a pequena abraçada com Bill... O outro soubéra de tudo e antes queria quebrar as juras que fizéra a Sue do que ver-se privado daquella fortuna... Coisa curiosa: casam-se, e Bimis, o noivo de ha pouco, ainda serve de testemunha!

* * *

A vida matrimonial de Nep e Bill não vae por mar de rosas... Pudéra! Si elles não tinham profissões, esse balsamo delicioso que dulcifica a existencia! Bill, sobrecarregado de dividas, recebe da mulher repetidos cheques para as pagar, mas gasta-os na vida airada, vindo sempre a pedir-lhe mais...

O pae de Nep não cessa de recriminar pelo que fizéra. Abandonar Bimis, um homem de [illegible]as, para entregar-se a esse [illegible]tintas, que nunca trabalhou, que nunca soube o que foi um vintem ganho honestamente?

Ella amava-o [illegible]...

(Continúa na pagina 42).

Quem quer vae...

(Sob Sister)

UMA PRODUCÇÃO DA FOX MOVIETONE

Ligados pelo trabalho e pelo amor.

[illegible] femininas.

Com James Dunn — Linda Watkins — Minna Gombell — Howard Phillips e Molly O'Day

JANE RAY, destemida reporter do grande diario "O Tempo", usava de todos os recursos para obter uma optima reportagem, um "furo" sensacional, mesmo para provocar o escandalo de que tanto esse jornal necessitava para viver. Tinha Jane muitos amigos, igualmente reporters, e dentre todos ella manifestava certa preferencia por Gerry Webster, do "Herald", sendo, portanto, um seu rival no campo da luta pela vida. Estavam os dois almoçando, quando um telephonema chama urgentemente Jane para uma reportagem ultra sensacional. Fingindo tratar-se de um caso parti-

No restaurante dos reporters.

Da redacção á cozinha.

cular, ella se despede de Gerry, que, por sua vez, tambem recebêra do "Herald" as mesmas instrucções. Espantado pela deslealdade della, Gerry, com bastante argucia, obtém da familia do morto, pois o caso era de um suicidio, um album contendo retratos do fallecido. De posse desse diario, elle, apesar de tudo, o mostra a Jane, dizendo dar um "furo" do outro mundo. Sae, e na sua ausencia um collega de Jane arranca algumas paginas do album e insere-as no "O Tempo". Vendo estampada no jornal concorrente aquella prova do seu esforço, o primeiro pensamento de Gerry é que Jane havia trahido miseravelmente a sua confiança. Não houve palavras, juramentos que fizessem Gerry acreditar na innocencia de Jane e dahi romper a sua amizade. Desgostosa, ella vem a descobrir o autor da proesa e immediatamente parte á sua procura para mostrar ao seu Gerry querido o verdadeiro culpado. Havia, nesse interim, recebido ordem para descobrir o paradeiro de uma criança raptada pelos "gangsters" e, incontinenti, Jane segue no cumprimento de seu dever. Audaciosa, vem a cahir nas garras dos malfeitores, sendo salva pela intervenção de Gerry, que, sabendo-a innocente, vem pedir-lhe perdão, obtendo dessa maneira a maior e mais sensacional reportagem da sua vida. Abandonando a profissão pela vida domestica, Jane, sempre carinhosa, aconselha a Gerry, agora seu marido, a ir sempre na frente de todos para colher as melhores informações para seu jornal, porque o seu lemma sempre fôra este — "Quem quer vae"...

CASAR E DESCASAR - (Conclusão)

Nep, agora, já consentia nessas reprimendas paternas. Sim, fôra uma louca, cedendo aos impulsos de outro louco, naquella noite fatidica do casamento. Ainda se lembrava da tristeza sem fim estampada nos olhos de Bimis... "Devia tê-la morto, ali, como um homem!" — raciocinava Nep, passando em revista a sua turbulenta vida.

* * *

Procurando divertir a filha, o velho Newbold arranja uma viagem de recreio num dos navios de sua companhia, e, entre outros amigos, convida o dr. Bimis. A chegada do medico a bordo, em companhia de Nep, já lá estava Bill, que não podia deixar de participar da festa e para a qual, occultamente, convidára Sue.

E' durante esse trajecto de recreio que sobrevêm rusgas e discussões entre os esposos, occasionando, como de outra fôrma não podia ser, o rompimento dos ultimos laços de amizade porventura ainda existentes entre elles.

Bill, zangadissimo com o dr. Bimis, a quem incidentemente culpa do arrefecimento da esposa, vae ao camarote do medico tomar uma desforra pessoal, mas ali, durante a altercação, soffre um tremendo colapso cardiaco. Bimis, com muito trabalho, consegue revivê-lo e lhe aconselha toda a cautela com a vida, embora o rebelado rapaz se mostre cada vez mais seu inimigo.

Ia o dr. Bimis levar a noticia, alguns momentos depois, á esposa de Bill, para que delle cuidasse, quando de dentro do camarote de Sue surge a mulher em desalinho, aterrorizada, como louca:

— Dr.. corra! Aconteceu uma desgraça com Bill... Está ahi! Caiu com um ataque...

E aponta o camarote.

O medico aproxima-se. Toma-lhe o pulso... Já agora, Nep, attrahida pelos gritos da amiga, fazia parte do pequeno grupo em torno do rapaz. O dr. Bimis levanta os olhos para Nep:

— "Está morto!" diz, com palavras tragicamente arrastadas.

— Oh, Bimis! Que desgraça! Não queria que elle morresse assim...

Concorrendo no esforço de bem servir o seu jornal.

O QUE SE DEVE SABER

A CONDEMNAÇÃO DE JESUS CHRISTO

Eis aqui a transcripção do documento judicial mais importante que já se registrou nos annaes da humanidade: a sentença de morte de Jesus Christo: Sentença dictada por Poncio Pilatos, governador geral da baixa Galiléa, dispondo que Jesus de Nazareth soffra o supplicio da cruz, no anno 17 do imperio de Tiberio-Cesar e no vigesimo dia do mez de março na cidade santa de Jerusalem:

"Poncio Pilatos, governador da baixa Galiléa, sentado na cadeira presidencial do pretorio, condemna Jesus de Nazareth a morrer em uma cruz, entre dois ladrões, em vista dos frances e notorios testemunhos do povo e que dizem:

Primeiro. — Jesus é seductor.

Segundo. — E' sedicioso.

Terceiro. — E' inimigo da lei.

Quarto. — Diz-se, falsamente, Filho de Deus.

Quinto. — Diz-se, falsamente, Rei de Israel.

Sexto. — Entrou no templo, acompanhado de uma multidão, levando palmas na mão."

Ordena a Quirinus Cornelius, primeiro centurião, que o conduza ao logar do supplicio.

Prohibe a todas as pessoas, ricas ou pobres, que impeçam a morte de Jesus.

As testemunhas que firmaram a sentença contra Jesus, são:

Primeiro. — Daniel Robani, phariseu.

Segundo. — Joannas Zorobatel.

Terceiro. — Joseph Robani.

Quarto. — Capet, homem publico.

Jesus sahirá da villa de Jerusalem pela porta Struenée."

Esta sentença estava gravada numa lamina de *arain*.

Foi encontrada em um vaso antigo de marmore branco ao se fazerem excavações na villa de Aquila, no reino de Napoles, em 1820, e foi descoberta pelos commissarios de artes que acompanhavam os exercitos francezes na expedição a Napoles.

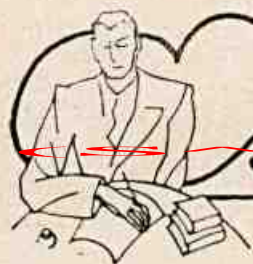
EXALTAÇÃO

Amo-te! E meu amor tem a força selvagem
Do oceano que comprime a ilha encantadora,
No fervido debrum, na estupenda voragem
Da espuma refuljindo á luz offuscadora!

Amo-te! E meu amor tem a doudo coragem
Do vento que entrecorta a voz soluçadora,
Arrojando-se em furia á alcandorada imagem,
Da negra cordilheira, em noite aterradora!

Amo-te sempre! Quero altissimo dizer
Que meu amor immenso, olympico, sedento,
E' um abysmo de luz na gloria de meu ser!

Eu te amo! Eu te amo sempre! E vou bebendo a esmo
Esse incrivel fulgor, esse deslumbramento,
Tão grande que me põe sequioso de mim mesmo!

FLAVIO POPPE DE FIGUEIREDO

João Luso — VIAJAR — Editor Braz Lauria — Rio — 1932 — 5$

VIAJANDO Portugal, França e Italia, João Luso escreveu um livro. Isto tem acontecido a muita gente bôa, porém, o que não é commum, é trazer o viajante, na mala, um livro que encante aos olhos alheios. A literatura de viagens, em regra, é de uma banalidade que faz mal aos nervos. João Luso, porém, fugiu ao estalão, porque é um espirito amavel, elegante, um chronista ágil, dotado de observação penetrante.

Ha, em toda a obra de João Luso, um luminoso raio de sol, que dá vida, colorido ás suas paginas. Trata-se de um escriptor lido e apreciado, que não carece do nosso elogio. Com este novo livro, conquista uma nova victoria. E aqui estamos para applaudil-o, sincera e gostosamente.

Florbela Espanca — AS MASCARAS DO DESTINO — Edição de Maranus Porto — 1932 — 5$

UM livro de contos, um livro de mulher. Poetisa de larga inspiração, tendo publicado tres volumes de versos, a autora de *As mascaras do destino* offerece-nos uma admiravel collecção de contos. Florbela Espanca é, em Portugal, um nome literario. No Brasil, é quasi desconhecida.

Entretanto, a sua obra merece divulgação, pois raros são os espiritos femininos de tão grande belleza quanto o seu. Estamos de perfeito accôrdo com o juizo de Virginia Vitorino, acerca da autora: "A inspiração de Florbela Espanca é uma fonte pura, murmurante e simples, onde quem ambicionar Belleza irá, devotadamente, matar a sêde."

Menotti del Picchia — TODA MIA — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1932 — 5$

POETA e prosador, Menotti del Picchia é um nome de cartaz da moderna geração paulista. Neste livro de contos e novellas, tem o leitor opportunidade de avaliar o valor do escriptor, dotado de um estylo ágil, expressivo, limpido, admiravel.

A suggestiva figura da capa do volume póde induzir o leitor a uma decepção... Não se trata de leitura amena, innocente.

E' uma obra de fina ironia, um tecido tenuissimo de palavras, de idéas, obra de artista.

"Jamais procures vêr a verdade *Toda núa*...", aconselha Menotti ao fim do conto que abre o livro, e, talvez por isso, elle a exhibe com o manto diaphano da fantasia...

Assim, quem não souber lêr nas entrelinhas, pouco perceberá da subtileza, do encanto dos contos e novellas do volume.

José Milad — LAGRIMAS EM VERSOS — Rio — 1932

LIVRO de estréa, cujo titulo está justificado nesta epigraphe:

O sonho errante que eu trago
e que no meu peito affago
numa illusão rosicler,
são beijos que estão dispersos
nas lagrimas dos meus versos,
na bocca de uma mulher.

O poeta pecca pela quantidade, quando devia preoccupar-se com a qualidade dos versos do seu livro.

Não lhe falta talento, e pelo menos sabe dizer com agrado, como acontece em *Tédio de caboclo.*

... Scisma e medita á porta da choupana,
envolto pela luz em filigrana,
o caboclo sem côr.
E na paz tão bucolica e bizarra,
soluça, muito além, uma cigarra
sua canção de amor.

Tudo rebrilha em volta. A natureza
dorme na paz da serra camponeza,
espargindo frescor.
E o caboclo recorda o seu passado
e uma noite de céu enluarado
e seu sonho de agror.

... No placido e bucolico ambiente,
quando o sol cae no gélido poente
e escurece o sertão,
elle revê, lá longe, no passado,
a cabocla de olhar lindo e rasgado
que um dia lhe feriu o coração.

Sympathico.

Emilio Ludwig — NAPOLEÃO — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 20$

A bibliographia acerca de Napoleão é immensa. Parecia que o assumpto estava esgottado, quando surgiu este livro, original allemão, recebido sob os maiores applausos da critica. A traducção franceza de Alice Stern foi coroada pela Academia Franceza, o que valeu pela consagração da obra divulgada rapidamente. Na verdade, o livro de Ludwig é surprehendente pelo ardor e pelo colorido.

E' um prazer acompanhar o autor no estudo da figura impressionante de Napoleão, estudo detalhado, honesto, de grande poder suggestivo. Eis a obra que a editora gaúcha acaba de divulgar, constituindo um volume de 462 paginas, fartamente illustrado com photos que marcam as diversas etapas da vida do genial guerreiro.

Uma edição primorosa, cuja traducção foi revista por Mario de Sá.

Mario Hora

AS GRANDES BIBLIOTHECAS

Segundo as ultimas estatisticas, a quantidade de volumes que possuem as grandes bibliothecas do mundo é a seguinte:

	Volumes
Paris, Bibliothéque Nationale	3.500.000
Washington, U. S. A. L. of Congress	2.918.356
Londres, British Museum Library	2.500.000
Cambridge, Harvard University	2.101.000

DURMIMOS DEMAIS ?

Não é uma pena que passemos dormindo uma terça parte do tempo da nossa vida?

Porque dormir tanto?

A proposito Samuel Somiles cita exemplos de homens trabalhadores que se habituaram a dormir muito pouco.

Não ha ainda regras fixas, determinadas sobre o tempo que devemos dedicar ao somno. Os physiologos não estão de accordo a este respeito e variam as opiniões. Citam-se os exemplos contradictorios de Schopenhaeur e Darwin que foram grandes dorminhocos, e Napoleão e Edison, que só dormiam quatro horas. O melhor, diz o dr. L. Banto, de quem transcrevemos estas palavras, é cada um dormir o que sinta necessario, sem attender a conselhos e razões.

JAMES JOYCE

O inquieto e inquietante autor de *Ulyssis* pertence a uma antiga familia irlandeza. Nasceu em Dublin, em 1882, e foi educado pelos jesuitas, que lhe ministraram uma solida cultura classica.

Começou a estudar medicina na Universidade de Dublin, mas não chegou a concluir o curso. Foi a Paris, volveu a Irlanda, onde se casou, e, expatriando-se novamente esteve muito tempo em Inrich, Trieste e Roma. Só em 1922 estabeleceu-se definitivamente em Paris.

OS EDITORES ALLEMÃES

A producção de livros na Allemanha sempre foi superior a de qualquer outro paiz. A guerra, felizmente, não entravou o desenvolvimento dessa fonte de cultura, tanto que, em 1913, eram 2806 as firmas editoras allemãs, as quaes, dez annos depois, em 1923, augmentaram para 3711.

CAMPAINHA

DELIA. — Mas, filha, si te exaltas assim, bruscamente, como queres que eu te explique que te diga...

Mercêdes. — E' que ha pessôas muito mal intencionadas, muito invejosas, muito...

Delia. — Tudo o que quizeres, mas...

Mercêdes (sem ouvil-a). — A verdade é que as Vallenar ficaram furiosas porque eu me compromettí com Alfredo... Muitas felicitações, muito risinho, mas, por dentro, nem se fale!... E eu o comprehendo... Rosinha andava atraz delle morta de vontade para *pescál-o*, e toda a familia a ajudava que era um escândalo...

Delia (protestando). — Isso não!... As Vallenar são muito decentes. Ninguem póde dizer nada dellas.

Mercêdes (com gestos de indignação). — Oh!... Decentissimas!... Quando Alfredo ia visitál-as o deixavam só na sala com Rosinha...

Delia. — Uma casualidade...

Mercêdes. — Sim, sim... Uma?... Trinta casualidades, pelo menos!... Disse-mo a criada que sahiu dali e esteve depois em casa de minha irmã...

Delia. — Mentiras de criada... Bem sabes o que faz essa gente...

Mercêdes. — Bem... Mas eu te repito que não acredito em nada do que digam as Vallenar... Falam porque não pódem morder!... Esta é que é a verdade.

Delia. — Tens tão pouca confiança nellas?

Mercêdes. — Nenhuma!...

Delia. — Eu suppunha fazer-te um favor...

Mercêdes. — E eu to agradeço. Pódes dizer o que quizeres... Anda, continúa... Estavamos em que Alfredo foi visto com uma mulher, que podia ser a mãe, a tia, a prima, a irmã ou a sobrinha... Mas que era uma *amiguinha*, segundo as Vallenar!... Primeiro acto exposição.

Delia (com raiva). — Embora feches os olhos e te faças de surda, não terás outro remedio sinão convencer-te... Segundo acto: desenvolvimento!... E os viram entrar em uma casa da rua da Liberdade, 925. Perguntaram ao porteiro, e este lhes disse que ali morava o senhor Alfredo Peribanes e sua *senhora*... Escuta bem: *senhora!* De maneira que, si se casar comtigo, elle será bigamo!

Mercêdes (nervosa). — E terceiro acto: desenlace!... Na rua da Liberdade 925 reside um primo de Alfredo, que tem o mesmo nome, e é casado com a Vidálvano... Queres final mais *impressionante?*... Anda, vae dizêl-o ás Vallenar, que vêm tragedias em toda parte... Tambem é claro! Como ellas representam as de solteironas!...

Delia. — No emtanto, sustentam que era Alfredo, que o viram assim, a um metro de distancia..., que elle vestia um terno cinzento, e

DE ALARME

trazia chapéo preto, e gravata azul, e luvas marron... Que era elle em pessôa! E é muito raro que se enganem, porque, si alguma coisa de bom tem as Villenar, é a vista...

Mercêdes. — Sim, já sei... Assegurar-to-iam jurando *pela memoria de sua santa mãe*, que, aqui para nós, já deve estar no inferno, tanto juramento falso tem sido feito sobre a memoria da pobre senhora... E diriam que o viram com seus *proprios olhos*... Quá! quá! quá!... Coitadinhas!... Estou tão certa da fidelidade de Alfredo, que nada altera meu pensamento... Pelo contrario: tudo o que se diga contra elle serve para augmentar ainda mais minha confiança nelle...

Delia (com intenção). — Alegro-me com isso... Assim não soffrerás essas surpresas que são tão desagradáveis. Porque, certamente, outras te dirão com *má* intenção o que eu te preveni com *bôa*. Antes saber as coisas de bôcca amiga, que póde lamentar e consolar.

Mercêdes. — Ah!... E si vires as Vallenar, pódes dizer-lhes que as alcovitices me engordam... São como os tonicos. E que, si ellas pensam que eu vou, por causa dellas, desmanchar meu noivado com Alfredo, estão muito enganadas... Pódem sentar-se commodamente, porque se vão cansar, si esperarem em pé...

Delia (vencida). — Bem, Mechita... Eu, como todas as comedidas, sáio com as mãos na cabeça. Não ha papel mais ingrato, mais antipáthico... Fica com tua confiança, e eu irei com minha desconfiança. Veremos quem sáe ganhando.

Mercêdes. — Eu, porque não tenho nada a perder.

Delia (despedindo-se). — Adeus, filha, adeus... Estás insupportavel com tua credulidade, com tua cegueira... Vaes direitinho para o Limbo, que é para onde vão os ingenuos!... Si eu ficar um minuto mais, terei um ataque de nervos...

Mercêdes. — Sim, vae, vae... Ah!... E não te esqueças de recommendar ás Vallenar que abram uma agencia de informações... Farão muito successo... (*Délia sáe*).

Mercêdes (preoccupadissima). — Meu Deus!... Eu já o suspeitava... Liberdade, 925... Vou procurar no *Guia Vermelho*... (*Folheia nervosamente o guia*). 977..., 959..., 931..., 925..., aqui está... *Lelette Gautier*... Virgem do Amparo!... E' essa a mulher de quem falou Anna Maria... A *chanteuse do Rigall*, tão bonita, tão joven... Ai, meu Deus!... Vou telephonar immediatamente... Disimularei a voz... Falarei em francez... Bem que o coração mo annunciava!... Bem via eu que o Alfredo estava mudadissimo, não era o mesmo de antes... Como terão gozado essas semvergonhas das Vallenar!...

FANFRELUCHE

NOTAS DE ARTE

ORCHESTRA PHILARMONICA DO RIO DE JANEIRO — Com a *Serenata para arcos*, de Weingartner (1ª audição); o *Thema e variações do quartetto em dó maior* e a *Symphonia em ré maior*, op. 86, de Haydn; o *Concerto para piano e orchestra, em si-bemol-menor*, op. 36, de Tschaikowsky, e o *Poema Symphonico* MAZEPPA, de Liszt — realizou a O. P. R. J. no T. M. em a noite de lunedia, 2ª-f., 5 de setembro, sob a regencia de Burle Marx e com o concurso do pianista russo Nikolai Orloff, o 5º concerto de assignatura da actual temporada.

Foi uma noite de arte das mais lindas. Resplandeceu a belleza no esplendor da musica e no fulgor das senhoras e senhorinhas, que enchiam o theatro, da platéa ás galerias.

Burle Marx dirigiu a orchestra com o enthusiasmo de sempre. Arrancaram especiaes applausos o *Andante sustenuto* da *Serenata* e o *Minuetto* da *Symphonia*.

Outro bello numero a destacar é o *Mazeppa*, uma das obras primas do grande compositor que foi o rei do piano Franz Liszt. Ouvimol-a sentindo e pensando: sentindo toda a grandeza epica da idealização musical, emula da que fulge no poema de Victor Hugo; pensando na originalidade da creação do deus do teclado, que, pelas maravilhas das suas interpretações pianisticas, não deixou que os contemporaneos o glorificassem como um dos genios da composição, successor de Beethoven e Berlioz, precursor de Wagner; maior mesmo do que o mestre de Beyreutho, como compositor de musica pura, da forma integral da poesia sonora, onde desapparece a palavra e só o som sem sentido verbal exprime a idéa — tal o *poema symphonico*, concepção e realização do genial artista hungaro. Além dessa superioridade de compositor, como creador de uma forma nova, a forma definitiva do poema musical, Liszt ainda se revela grande em relação a Wagner pelos processos technicos que parece ter suggerido ao mestre da opera symphonica e que o ouvido leigo distingue, embora só a cultura profissional possa demonstrar. A cavalgada de Mazeppa não será o embryão da cavalgada das Walkyrias?...

Foi toda essa série de pensamentos que nos occorreram, que nos assaltaram, ouvindo *Mazeppa*, epopéa sonora do genio de Liszt.

Mas se, como composição, pareceu-nos *Mazeppa* a obra-prima do concerto da *Philarmonica*, como execução avultou o *Concerto* de Tchaikowsky, pela genialidade com que o tocou o solista, Nikolai Orloff. Poucas vezes o T. M. tem ovacionado com tanta frequencia, com tanto enthusiasmo, um pianista, como ovacionou Orloff após a execução da obra de Tchaikowsky. Foi chamado á scena 6 vezes e em todas ellas estrepitosamente palmeado.

Realmente a interpretação do grande pianista slavo excedeu á mais exigente espectativa. Se algumas vezes elogiamos artistas que não deixam o piano ser supplantado pela orchestra, de Orloff, o que se pode dizer depois daquella interpretação é que o seu piano... supplantou a orchestra. Dentro da relatividade da comparação, só assim dizendo se pode exprimir

toda á grandeza da sonoridade verdadeiramente orchestral que imprimiu ao piano, fazendo-o como que exceder a propria sonoridade da orchestra. O primeiro e o ultimo tempo, onde se accentuam os grandes effeitos sonoros, attingiram a inexcedivel belleza. Foi todo esse esplendor que deslumbrou o auditorio, levando-o ao mais excessivo e transbordante enthusiasmo.

Para maior gloria do artista, entre as palmas que recebeu, figuraram as de Mme Long, a excelsa pianista franceza, a excepcional musa do teclado, que ora nos visita e de uma das frisas assistiu á victoria de Orloff.

MARGUERITE LONG — Para ouvir Marguerite Long interpretar a *Ballada* de Fauré e o famoso *Concerto* de Ravel realizou a Philarmonica no T. M., em a noite de venerdia, 9 de setembro, um concerto de gala, em que, além do joven mestre da batuta, Burle Marx, do violino de *Spalla* Romeu Ghipsmann, sobresahiu a grande musa da harpa, prof. Léa Bach.

Dois estylos. Duas escolas. A *Ballada* evoca Chopin, e o *Concerto*, a crêr no que se dá com opinião do seu autor, está collocado sob a egide de Mozart, de Saint-Saens e talvez de Scarlatti.

Sem discutir essas comparações, pois nos faltam dados, e se os tivessemos nos faltaria competencia technica para dizer, limitamo-nos a registrar as impressões que nos causaram as duas composições.

A *Ballada* é todo um poema de commovente lyrismo. Impressionou tal como Cortot technicamente a descreve. "Uma exposição de sonho — diz elle — cujo thema servirá de segunda idéa no movimento ternamente animado que a segue — uma transição cujo rythmo pastoral, oriundo elle proprio de um fragmento do vigesimo compasso do *andante* inicial, produzirá finalmente o enthusiasmo jovial do *allegro* intermediario e a emoção empolgante da ultima parte"... Tudo isso nos recorda a musa chopiniana.

O *Concerto*, ao contrario, não nos fez lembrar nada do que já ouvimos de Mozart, Saint-Saens ou Scarlatti. O que aliás não quer dizer que outros espiritos mais preparados em musica, mais conhecedores dos tres autores, não encontrem as relações que o A. reconhece e não percebemos.

Pareceu-nos o *Concerto* de Ravel uma obra impregnada desse chamado *espirito modernista* — que, seja dito de passagem, tem muito de *passadista* — com que se procuram estylizar themas populares, motivos mais ou menos primitivos, peculiares a individuos e povos em estado de inferioridade cultural e tratando-os por novos processos technicos, e onde, quasi sempre, a falta de originalidade é supprida pelo excesso de extravagancia.

Trabalhado durante tres annos, o *Concerto* de Ravel póde revelar aos technicos lavores de technica dignos de elogio, mas, quanto ás emoções que desperta em nossa sensibilidade, são as que produzem as manifestações mais rudimentares da arte sonora, as do *samba*, do *batuque*, do *jazz-band* mais ou menos estylizados. Eis porque o grande publico sacudido pelo tumulto sonoro, pelo barulho musicalizado — que são todas as composições vasadas nos moldes do *Concerto* ravelino — applaude com fragor e pede e repede *bis*.

Entretanto, se o genero não nos agrada, é preciso dizer com verdade e com justiça que o *Concerto* de Ravel é uma obra notavel pela belleza dynamica que della flue e explica e justifica o enthusiasmo que produz no seio das multidões.

E' um carnaval sonoro. Só faz excepção ao dynamismo geral, o *Andante*, que parece totalmente deslocado entre as sonoridades tumultuarias do *Allegro* e do *Presto*.

Quaesquer que sejam, porém, as impressões das peças de Fauré e Ravel, como composições, tiveram ambas interpretação total, sobretudo o *Concerto*, em que a orchestra correspondeu á excellencia incomparavel da solista.

Marguerite Long attingiu aos mais altos cimos. Cantou com arte requintada todo o lyrismo da *Ballada* e viveu com incomparavel esplendor as fulgurancias abracadabrantes do *Concerto*. Encantou e arrebatou. A sala inteira vibrou de enthusiasmo ouvindo o *Concerto* de Ravel. Mesmo os que não applaudem o genero, sentiram-se dominados pela magistralidade da interpretação. A nós pareceu que a interprete superou o autor. Foi Mme. Long que nos fez applaudir Ravel. E o publico pensou comnosco, applaudindo-a com invulgar enthusiasmo e pedindo e obtendo *bis*. Foi uma verdadeira glorificação.

Moldura do quadro, que foram as execuções de Fauré e Ravel, com Mme. Long no piano, executou a orchestra só — o *Carnaval Romano* de Berlioz; *Cortejo* e *Aria da Dansa* do *filho prodigo*, e *Tarde de um fauno*, de Debussy. Musica franceza de precursores e contemporaneos de Fauré e Ravel, foi bem executado e muito applaudida. Assignalamos especialmente a belleza original e scintillante de *Cortejo*, de Debussy.

Não encerramos esta nota sem destacar a emula da pianista na execução do *Concerto* e da *Ballada* — Profa Léa Bach. A grande harpista fez soar o seraphico instrumento com tanto poder emotivo que nas suas raras apparições isoladas triumphou sem restricções ao lado da pianista.

O S C A R   D' A L V A

Seara alheia

Pensamento dos jardins

Desejo — Como o passaro adormecido que, com a cabeça sob a aza, só aspira com o seu pequenino bico o ar que filtrou através de suas pennas e armazenou no coração, eu quereria, escondido em teus braços não deixar passar entre meus labios senão o ar que te houvesse acariciado.

* * *

Sobre um critico

— E' preciso que os criticos não nos amedrontem: Deante de alguns delles divirto-me a fingir uma especie de fria vaidade que os offende. Como não estão muito seguros de que eu tenha talento, se desconcertam quando me vêem fazendo de genio. Sua irritação é real e, por isso mesmo, divertida. No emtanto, penalizo-me quando aquelle que atacam é pobre e quando os mencionados criticos, tambem para viver, se encarniçam no osso que roem. — FRANCIS JAMMES.

A mãe de meu filho

Esta manhã tomei o meu filho sobre os joelhos e perguntei-lhe:

— Filhinho, serás tu um assassino?

Elle, porem, não comprehendeu o sentido destas palavras.

— Sim respondeu, mas quero que me dê doces.

Se pudesse adivinhar seu futuro, como fazem os ciganos, na palma de sua mãosinha!

Que irá manejar essa pequenina mão? A espada? O punhal? O arco do violino? O bisturi? A penna?

Pobre mãosinha, quanta vez sustentarás a cabeça fatigada pelo ingrato trabalho do pensamento doloroso! Quantas cartas, listadas de negro, abrirás! Quantos outras mãos, de falsos amigos e de mulheres indignas terás de apertar!

Tu porem, a conservarás limpa de toda mancha, meu filhinho e, se quando te ferir uma grande dor immerecida, te assalta o impulso de levantál-a, não a ergas nunca para maldizer, e sim para juntál-a á outra, em attitude de prece. — EDMUNDO DE AMICIS.

Poema do homem alegre

(A Bastos Portella)

Quando o Homem acordou, a manhã refulgia
sob a hostia pantheistica do Sol.

E o céo era mais puro e mais azul
que a prece de uma virgem.

E as montanhas mais verdes e mais altas.

E o ar diaphano e suave e perfumado,
qual um sorriso de creança.

E o rio,
nas escamas das corredeiras leves,
lindo o marulho quasi enternecido.

E o orvalho
mamoheava a chlorophylla da folhagem
entre scintillações extraordinarias.

E a musica dos passaros, mais doce,
era um psalmo de sensibilidade
na missa chronologica do Dia.

E o Homem sentiu a Vida menos triste
e o rosto illuminado de um sorriso.

Mas o Homem nem siquer teve a lembrança
de que a a Alegria
provinha de si proprio,
já era um estado espontaneo do seu Eu,
sua pré-formação sentimental
ante a apotheose da Manhã,
d'essa manhã igual a tantas outras
que lhe foram enfadiantes
ou mesmo indifferentes...

Figueiredo Silva

— Estás escutando este ronco? Deve ser um avião que vem em nosso auxilio! Estamos salvos!

A segunda encarnação de Franz Chopin

— Parada a machina, agora só um outro trabalhará — a memoria, rebuscando — afim de fixar na arte o lindo embryão gelado que vem aos pedaços para o papel, a chave, no principio, e, de vez em quando, idéas soltas. No emtanto, sem o desenvolvimento, sem o encadeamento, já não ha vida: ha blocos esparsos de materia prima, que, trabalhados a frio, tomam fórmas artisticas. E nestes momentos eu a odeio, e maldigo ser Franz Chopin...."

(Effectivamente. Sob os dedos esguios do fantastico executor, o velho piano desferia accordes gigantescos estigmatizando com a revolta latente o desespero do homem material, divorciado do artista que soffria. Era o amargor da materia que se sentia repudiada, era a desillusão do homem que sobrepujava o poeta.)

..."Sim, eu a odeio, ardentemente. A impressão que tinha della, é bem diversa da que agora me assalta, quando vejo revelado com franqueza o seu caracter. A realidade matou o impreciso. A sensação passada esfumou-se de minha memoria, de todo, porque foi substituida por outra. A minha musica traduz a minha alma. Os meus accordes vigorosos são a expressão do meu odio por Ella. Firo as teclas com desusado vigor como si estivesse estrangulando, suffocando as notas, uma a uma, como si cada nota fosse "ella". Mas vejo-me só. E nos logares desconhecidos, que nada evocam, é que me angustiam mais as saudades que sinto de ti. Será por que no desconhecido eu vejo estereotypada a incerteza que me vem de ti?"

(O piano agora geme soturnamente, estridula, soluça, soffre, lamenta. E' o arrependimento, a magua, a dor, é o doce effluvio do olhar que o redime. Estrepita, agudo, metallico, como em desvairos amorosos, para depois ensurdecer em ondulações mansissimas como em aconchegos macios. O som morrente desce, num torpor espasmodico, pelas cordas... Acaba em pianissimo... mas revive, agita-se de novo, implora, quer... balbucia, numa surdina humillima, commovente, que finaliza em emocionado suspiro, como um canoro gemido. E depois allucina-se em escalas, mas volta a dulcificar-se, acariciante, dolorido. Arrepende-se...)

"Mas eu não posso odial-a por muito tempo, e tenho de ser perdoado. Vêde-a, ao fundo da cella, como me sorri, como baila, febril, enthusiasmada por minha arte, como um insecto que esvoaça em

(Cont. do numero anterior)

perseguição de outro. Vêde-a como se abaixa, humilde, até o soalho, dobra-se, diminuida, tendo sobre si o véo que a esconde toda, como uma flor que cerra as petalas. Vêde-a como se ergue, vagarosa, languida, desdobrando-se como sensitiva, como passa das attitudes angelicaes aos tregeitos sensuaes. Vêde a geometria animada que ella fórma com seus constantes movimentos. Como posso eu fugir ao encantamento, como posso continuar a ter-lhe odio? O ridiculo em que me vejo, meu caro, faz-me rir de mim mesmo...."

(E o piano ri, estridula, gargalha, apupa, em variações soltas.)

"Mas parece que ella sente que me exgotto, parece que prevê que já traduzi em minha musica todos os sentimentos que me dominam a alma, que breve serei novamente a materia que ama, que lateja, que deseja, breve serei a bôcca que procura ansiosa a outra bôcca. Vêde-a, como foge, como escorrega, como se esgueira, maneirosa e subtil, anhelante, e eu não posso fugir deste velho piano: a Arte é em mim mais forte do que o Amor, imantadas parecem as teclas, e de aço parecem os meus dedos: succumbo deante do mysterioso filtro. Fugiu...."

(E o piano delira, harpeja fremente, treme em vibrações agudas, grita convulso, desvaira, murmura, geme, soluça, soluça, e morre...)

O esqualido compositor tombára, exhausto, a martyrisada fronte descansando sobre as teclas amarellecidas pelo tempo. Respeitei o seu silencio, mantendo-me inerte junto ás grades para vêl-o despertar de seu torpor. Crendo-se um illuminado, em sua loucura o infeliz julgava encarnar o musico immortal, como elle dotado de inconcebivel poder de interpretação, e como elle soffrendo, no mundo desconhecido em que librava. Era o que Pascal chamava de "recordações das existencias anteriores", o espirito do musico que, não tendo soffrido demasiado, procurava expurgar-se ainda mais. Depois dos grandes momentos de allucinação, que eu, em meu egoismo artistico, não vacillava em considerar de delicioso, o velho abandonava sua existencia ficticia. E era quando revia o ar livre, quando esquecia sua outra personalidade, e via apenas deante de si a natureza exhuberante, creadora e geradora. Assaltavam-lhe, então, a attribulada mente os verdadeiros motivos de sua loucura. Era a filha que creára com todo o carinho e em quem incutira, como um zeloso guardião, o horror á humanidade peçonhenta e vil. Da vida, sob sua orientação, conhecia ella apenas a Arte musical. Eram dois amantes immortaes por espirito. Estremeciam as arcadas do rude peito do pae, ouvindo a queixa de amor do *Luar* de Beethoven, e a alma moça librava-se ao irreal, sentindo repercutirem-lhe no coração os sons maestaticos de um *Nocturno*.

O artista falava á filha não como os velhos senhores que procuravam as princezas da lenda. Não levava arautos, pagens, tinir de ferros e nitrir de corceis, nem loiros de guerra, ensanguentados na frente. Falava-lhe com a alma, com o sentimento, como um menestrel que apresenta á sua donzella o Amor que redime, sobre cujo corcel cavalgam os heróes. Falava como o peregrino que implora pousada... Era um noivado celeste. O nome da filha — Maria da Luz — era o relicario casto, onde, em dez letras de oiro, o destino exprimia a saudade e a Belleza...

Fugiam, entretanto, todos esses batimentos purificadores, apenas o velho via o carcomido piano: occupava-lhe a mente o espirito de Franz Chopin, e o atormentado alimentava-se de musica, de arte, de accordes, de sustenidos, de bordões trillos. E, por uma desaggregação mental, elle emprestava á mulher que fizera soffrer o grande sonhador a personalidade physica da filha idolatrada, a quem passava então a odiar...

E' que havia muito elle a vira fugir, presa inesperada do Amor, de um amor terreno que elle, em seu inconsciente zelo, não soubera prevenir á filha que existia na Terra..

E num destes momentos eu o surprehendêra...

Cinco annos de reclusão convenceram o director do manicomio que "Hen Fraz Chopin" bem merecia a liberdade, com seu piano. Restituiu-o á vida, recambiou-o para a miseria de onde voltára. No mundo, cá fóra, a Arte é o que menos occupa logar na Humanidade. Parece que a fome teve o dom de aclarar um pouco o cerrebro atormentado do artirsta, que se reconheceu homem, sujeito a todas as leis da Natureza. A necessidade apertou-o com suas garras angustiosas, e o homem, faminto, annunciou nos jornaes um "artista para reuniões". Mas era apenas o artista divino em interpretações magistraes, que eu ouvira, através das grades da cella; animava-o a esperança de que a Humanidade tivesse uma infima parcella com alma de Mecenas: teria, assim, um pão com que matar a fome, que lhe augmentasse as forças com que martyrisava o velho e carcomido piano. E veiu-lhe uma resposta ao seu annuncio. Accorreu, pressuroso...

A sala chic regorgitava de uma multidão ávida de esquecer o passado doentio e gozar o momento presente. Herr Franz Chopin entrou magestosamente, olhos no tecto, prelibando a gloria de enebriar os que o ouviram dahi a momentos. Um rico piano, a um canto da sala, dormitava silencioso, ávido de humanas caricias. Sentou-se, avido de fazer sua rentrée triumphal: interpretaria Lizt, "Eroica" e as esqualidas mãos já preparavam o accorde inicial. Mas um toque ao de leve no hombro fêl-o voltar-se. Seus olhos marejaram-se de lagrimas. Um nome sahiu-lhe da garganta:

— Maria... da... Luz...

— Papae! Que surpresa! E logo o pianista que meu marido contractou. Olhe. O pessoal está "secco" para dançar. Toque aquella "ranchera" da Lely Morel, sim?

O velho estremeceu, agonico, como um carvalho ferido. Elle, Franz Chopin, o immortal, solicitado para tocar uma "ranchera", pela filha idolatrada, a quem elle ensinára a estrada do Incomparavel. Quiz falar, mas um ruido surdo sahiu-lhe de dentro do peito, e tombou inerte sobre as immaculadas teclas do brilhante piano, e de sua *rentrée* triumphal no mundo artistico apenas o nervoso auditorio poude ouvir o primeiro e magestoso accorde da "Eroica".

Pela segunda vez, morria Franz Chopin...

LAURO MENDES

A CASA VASIA

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

A RESSURREIÇÃO DE SHERLOCK HOLMES

A primavera do anno de 1894 a população de Londres, especialmente a alta sociedade, ficou tristemente alvoroçada com o assassinato do *honourable* Ronaldo Adair, dado em tão extraordinarias como inexplicaveis condições.

O publico conhece já as circumstancias do crime conforme se deduzem das investigações da policia; entretanto bastantes pormenores se omittiram neste caso, visto as accusações provadas serem sufficientemente fortes para que fosse inutil accrescentar mais depoimentos.

Tendose passado perto de quinze annos, só hoje posso preencher estas lacunas, e completar os annaes desta serie de factos tão interessantes.

O crime era por si mesmo emocionante, menos porem que os factos que se seguiram e me causaram o mais violento choque, a mais viva surpresa de toda a minha vida. Ainda hoje estremeço ao lembrar-me, e sinto novamente a rapida onda de alegria, de assobro e de incredulidade que me inundou o espirito.

Os leitores, que tiveram a condescendencia de seguir as exposições que por vezes lhes tenho submettido, sobre as opiniões e actos de um homem extraordinario, não me censurarão de certo por não lhes ter dado a conhecer mais cedo o que sabia: eu nessa occasião achava-me preso pela absoluta prohibição por elle feita, e que só levantou no dia 3 do mez passado.

Advinharão sem duvida que a minha grande intimidade com Sherlock Holmes tinha desenvolvido em mim o mais vivo gosto pelo estudo das causas crimes, e que com a sua desapparição não deixei de ler com a maior attenção os varios problemas que a imprensa submettia ao publico.

Mais de uma vez, ainda que com pouco resultado, experimentei, para meu proprio prazer, servir-me dos seus systemas para chegar a certas soluções.

Nenhum crime me tinha impressionado tanto como o homicidio de Ronaldo Adair.

Lendo eu os depoimentos colligidos no processo que deu occasião a um veridictum de assassinato contra um ou mais autores desconhecidos, comprehendi, melhor do que nunca, a perda que a sociedade soffrera com a morte de Sherlock Holmes.

Estou certo de que varios pormenores deste extranho drama teriam chamado a sua particular attenção, e os esforços da policia teriam sido secundados, ou mais provavelmente excedidos pelas experientes observações, e subtil espirito deste homem, o mais habil policia secreta do mundo.

Todos os dias, emquanto fazia as minhas visitas de medico, me fartava de pensar nisto sem encontrar uma explicação plausivel. Em risco de repetir uma historia muito vulgar, vou recordar os factos taes como resultaram do inquerito.

O *honourable* Ronaldo Adair era segundo filho do conde de Maydooth, governador nesta epoca de uma das colonias australianas, de onde sua mãe havia regressado á Inglaterra para soffrer a operação da catarata; esta senhora, seu filho Ronaldo e sua filha Ilda, moravam juntos em Londres, no Park Lane, 427.

O rapaz era recebido na melhor sociedade, e não se lhe conheciam inimigos nem vicios extravagantes. Estivera para casar com miss Edith Woodley, de Carstairs, mas tinham rompido alguns mezes e de commum accordo: nada levava a crer que este acontecimento deixasse profundos pezares.

De resto, a existencia do mancebo passava-se num regimen restricto e normal, pois que era homem de habitos regulares, e naturalmente frio.

Foi comtudo na pessoa desse juvenil e desapaixonado aristocrata que recahiu a morte sob uma fórma estranha e inesperada, entre as dez e um horas e vinte minutos da noite de 30 de Abril de 1894.

Ronaldo Adair era amador das cartas e jogava constantemente, mas nunca jogo forte. Fazia parte dos Clubs de Baldwin, Cavendish e Bagatelle. Averiguou-se que no dia da sua morte, depois de uma primeira sessão da tarde, tinha jogado um rob de whist neste ultimo club, em seguida ao jantar.

O testemunho dos parceiros que tinham jogado com elle,, mr. Murray, sir John Hardy e o coronel Moran, demonstrou que ao whist os jogos tinham sido sensivelmente eguaes de um e de outro lado. Adair teria perdido cinco libras esterlinas, apenas, e sendo a sua fortuna importante, uma tal perda não o podia ter de forma alguma affectado.

UMA BOA DESCULPA... — Mas, desde o anno passado que a sua casa está na mesma!

— Que quer que eu faça? os operarios foram surprehendidos pela falta de trabalho...

Tinha jogado todos os dias em qualquer destes clubs; era um jogador prudente, ou antes feliz. Demonstrou-se mesmo que algumas semanas antes, tendo por parceiro o coronel Moran, tinha ganho quatrocentas e vinte libras sterlinas só numa partida contra Godfrey Milner e lord Balmoral.

Na noite do crime tinha recolhido do club ás dez horas em ponto. Sua mãe e sua irmã tinham ido passar a noite na casa d'uma parenta. A creada declarou que o tinha ouvido entrar na saleta do segundo andar que lhe servia de escriptorio, e dava para a rua. Antes disso, tinha ella ahi accendido o fogão, e como elle deitava algum fumo, abrira a janella.

Não se ouviu mais ruido algum na saleta até ás onze horas e vinte minutos, hora a que recolheram lady Maynooth e sua filha. Desejando dar-lhe as boas noites, sua mãe quiz entrar no quarto, mas a porta estava fechada á chave interiormente, ficando sem resposta as suas chamadas.

Bradou por soccorro e mandou arrombar a porta. O desgraçado estava estendido ao pé da mesa com a cabeça horrivelmente despedaçada por uma bala de revolver.

A arma não estava no quarto. Sobre a mesa estavam duas notas do banco de dez libras cada uma, dezesete libras e dez shillings em ouro e prata, collocados em pilhas de varias quantias.

N'uma folha de papel estavam traçados alguns algarismos na frente de nomes de amigos do club, o que faz parecer que no momento da sua morte elle estivesse dando balanço ás suas contas de jogo.

O minucioso exame de todos estes pormenores não fez senão tornar o caso mais complicado.

Em primeiro logar, era difficil explicar qual o motivo por que o rapaz tinha fechado a porta.

Poder-se-ia admittir que fosse o assassino quem houvesse dado volta á chave, e em seguida fugido pela janella, mas teria cahido de uns vinte pés de altura no meio de um massiço de açafrão em plena florescencia, situado justamente por debaixo; ora, nem as flores nem o terreno pareciam calçados, assim como não se achavam signaes de passos no estreito canteiro de relva que separava a casa da rua.

Era pois apparentemente elle proprio quem tinha fechado a porta.

Como se dera então a sua morte?... Era impossivel trepar á janella sem deixar vestigios.

Admittindo que tivessem dado o tiro pela janella aberta, seria preciso um atirador excepcional para o attingir com um revolver e fazer-lhe uma ferida mortal como aquella; emfim, Park Lane é um ponto muito frequentado, e a cem metros da casa ha uma estação de carruagens.

Ninguem ouviu a detonação, e comtudo estava ali um cadaver, e uma bala de revolver cujo topo, em forma de cogumello, havia produzido esta horrivel ferida que tivera como resultado uma morte instantanea.

Taes eram as circumstancias do mysterio de Park Lane que a ausencia total do mobil mais vinha complicar, pois que, como acabo de dizer, não se conheciam inimigos da victima, e o dinheiro e valores estavam inteiramente intactos.

Durante todo o dia, andei a parafusar com estes factos, querendo encontrar uma hypothese que pudesse conciliar tudo, e descobrir essa linha de menos resistencia, a qual, tinha me declarado o meu pobre amigo, devia ser o ponto de partida de todas as investigações. Confesso que não consegui.

A' noite, depois de atravessar o parque achei-me pelas seis horas da tarde em Park Lane, do lado de Oxford Street; no passeio um grupo de curiosos, contemplando uma janella indicou-me a casa que eu desejava examinar.

Um homem alto, muito magro, de luneta azul, que eu suppuz ser um policia disfarçado, começava a expôr, ás pessoas que em torno delle se acotovelavam, uma hypothese que se lhe afigurava a mais acceitavel.

Approximei-me o mais que pude, mas as suas observações pareceram-me tão absurdas, que me retirei enfadado. Ao afastar-me, esbarrei com um homem de certa idade, com aspecto disforme, que estava atraz de mim, e deitei ao chão uns livros que elle trazia. Lembro-me que ao apanhal-os, notei o titulo de um delles: *A origem do culto das arvores*, e pensei que o pobre homem fosse qualquer bibliophilo que, ou para fazer commercio, ou para satisfazer uma mania, colleccionava volumes pouco conhecidos.

Quiz desculpar-me do transtorno que lhe causara, mas era evidente que os livros assim maltratados eram objectos preciosos aos olhos do dono, porque, com um resmungar de desdem, me voltou as costas, e vi as suas suissas brancas perderem-se no meio da multidão.

As averiguações no n. 427 de Park Lane não con-

(Continúa na pag. seguinte)

MAL ENTENDIDO — Ah, madame, é tarde demais!...
— Como, insolente?...
— Sim, madame... E' muito tarde: vamos fechar as portas...

seguiram esclarecer o problema no qual eu me empenhara com tanto ardor. A casa estava separada da rua por um muro pouco elevado, que sustentava um gradeamento e tudo isto não tinha mais de cinco pés de altura.

Era pois facillimo para quem quer que fosse, penetrar no jardim; comtudo a janella era absolutamente inaccessivel: nem uma goteira, nem uma saliencia que permittisse ao homem mais agil o escalal-a. Voltei para Kensington, mais atrapalhado que nunca. Mal tinha entrado no meu escriptorio, veiu a minha creada dizer-me que uma pessoa me procurava. Qual não foi o meu espanto ao dar de cara com o velho bibliophilo de aspecto exquisito, e cara magra e angulosa emoldurada em cabellos brancos, trazendo debaixo do braço direito uma ruma de doze dos seus preciosos volumes.

— O senhor está admirado de me ver? — disse elle com uma voz desagradavel com um gransnido. Não neguei a minha surpreza.

— Pois bem, eu sou um homem honrado, e quando por a acaso vi entrar nesta casa, segui-o a coxear, pensando comigo mesmo: "Vou á casa deste cavalheiro, dizer-lhe que, se fui um tanto brusco nos meus modos, não tive inteção de o melindrar, e que pelo contrario lhe estou muito obrigado pela bondade que teve de apanhar os meus livros."

— Está dando muita importancia a uma cousa que não a tem, disse-lhe eu .Quer dizer-me como soube quem eu era?

— Eu lhe digo: sou, com o respeito devido, um dos seus visinhos: tenho uma pequena livraria á esquina de Church Street, e estimaria muito vel-o por lá. Talvez que o senhor seja collecionador? Aqui tem os *Passaros da Inglaterra, um Catullo, a Guerra Santa*.... São verdadeiras *pechinchas*. Com cinco volumes podia encher o espaço vasio da segunda prateleira da sua bibliotheca, porque assim como está faz máo effeito, não acha?

Esta observação levou-me a inclinar a cabeça para traz, e quando me voltei.... vi diante da minha carteira, sorrindo, o meu velho amigo Sherlock Holmes.

Levantei-me, olhei para elle com uma estupefacção sem limites, e (soube-o depois), pela primeira e talvez pela ultima vez na minha vida, cahi sem sentidos; só me recordo que uma nevoa me escureceu a vista. Quando tornei a mim, tinha o collarinho desabotoado, e sentia ainda nos labios o gosto do cognac. Holmes estava curvado sobre a minha cadeira, tendo na mão um frasco .

— Meu caro Watson — disse com aquella voz que eu tão bem conhecia — devo-lhe mil desculpas, mas eu não podia advinhar que lhe produziria um tal effeito.

Segurei-lhe o braço.

— Holmes! — exclamei — é realmente você? E' possivel? Como poude sahir vivo daquelle espantoso abysmo?

— Ouça — disse elle — sente-se já bom de todo para fallar nesse assupto? A minha apparição inutilmente dramatica casou-lhe uma impressão tão violenta!

— Estou completamente restabelecido; mas deveras, Holmes, custa-me a acreditar nos meus olhos! Meu Deus! Pensar eu que é você quem está aqui, em pessoa, no meu gabinete!

Mais uma vez lhe agarrei o braço, que senti atravez da manga, tão magro e nervoso como d'antes.

— Ainda bem que não é um phantasma, meu querido amigo! Como me sinto feliz em o tornar a ver! Sente-se, e conte-me como poude sahir vivo daquelle abysmo.

Sentou-se defronte de mim, e accendeu um cigarro com a sua habitual indolencia. Tinha vestida a comprida sobrecasaca do velho livreiro, mas o resto de seu disfarce, que consistia numa cabelleira branca e a sua collecção de livros, achava-se agora em cima da mesa.

Holmes estava mais magro, os olhos cada vez mais penetrantes, mas a pallidez do seu rosto de aguia deu-me a entender que ultimamente a sua saude soffrera grande abalo.

— Tenho grande prazer em deixar o disfarce Watson. Não é nada divertido, para um homem da minha altura, fingir-se baixo durante umas poucas de horas. Agora, meu querido amigo, em materia de explicações, teremos, se posso contar com o seu auxilio, uma noite de penoso e perigoso trabalho para nós. Talvez fosse melhor eu não lhe contar nada, senão depois do trabalho acabado.

— Devora-me a curiosidade, e .preferia saber já tudo.

— Está resolvido a vir comigo esta noite?

— Quando quizer, e onde quizer!

— Então como nos nossos bons tempos! Ainda podemos tomar alguma cousa antes de partir... Pois bem!... A proposito daquelle abysmo, não tive grande difficuldade em sahir de lá, pela simples razão de que nunca lá cahi.

— Nunca lá cahiu?

— Não, Watson, nunca. O bilhete que eu lhe dirigi era de todo o ponto verdadeiro. Não duvidei um instante sequer, que tinha chegado ao fim da minha vida, quando avistei a cara sinistra do professor Moriarty, a atravancar o estreito caminho que conduzia á salvação. Lia-se nos olhos pardos uma vontade inexoravel. Troquei com elle algumas phrases de cortezia, e delle obtive a licença de lhe escrever junto com a minha bengala, e a minha cigarreira.

a lacónica carta que depois você recebeu. Deixei-a pois que voltei pelo atalho com Moriarty.

"Chegando ao extremo, parei; e mesmo sem armas, lançou-se a mim, envolvendo-me nos braços musculosos; elle comprehendeu bem que estava chegada a sua ultima hora, mas queria vingar-se! Cambaleamos juntos á beira do precipicio.

"Felizmente conheço um pouco o jiu-jitsu, ou por outro, o methodo de lucta dos japonezes; já em algumas occasiões me tem servido bem, e foi o que me valeu para me livrar do aperto.

"Dando um grito terrivel, levantou as mãos ao ar, mas apesar de todos os seus esforços, não poude equilibrar-se e desappareceu. Curvando-me á beira do abysmo, segui com a vista a sua queda durante algum tempo: vi-o achatar-se de encontro a um rochedo, depois resaltar ainda, e cahir emfim na agua onde se sumiu.

Escutei com o maior espanto estas explicações que Holmes me dava, lançando fumaças do cigarro.

— Mas os vestigios? — exclamei eu — vi com os meus proprios olhos que pelo atalho tinham ido duas pessôas, das quaes nenhuma tinha voltado!

— Eu lhe conto o que se passou: um instante depois da quéda do professor, comprehendi a extraordinaria sorte que a Providencia me deparára. Eu bem sabia que não era só Moriarty que tinha jurado perder-me. Havia pelo menos tres individuos que desejavam vingar-se de mim, e aos quaes a morte do seu chefe mais deveria excitar; todos elles eram muito perigosos, e ou um ou outro, não deixaria de me alcançar. Ao contrario, ficando toda a gente convencida da minha morte, estes homens desmascarar-se-iam, e davam-me ensejo de mais tarde ou mais cêdo os esmagar, e então, mas só então, eu poderia fazer saber que ainda me achava no ról dos vivos. O meu cerebro trabalhava com tal rapidez, que todas estas reflexões se succederam, antes mesmo que o professor Moriarty chegasse bem ao fundo do precipicio de Reichembach.

"Levantei-me, e examinei o muro de rocha que havia por detraz de mim. Na sua pittoresca narrativa que eu alguns mezes mais tarde li com o maior interesse, você affirmava que este muro era a pique. Não é inteiramente assim, porque apresentava algumas pequenas asperezas, e mesmo um ligeiro rebordo. Mas era tão elevado que parecia inaccessivel, e comtudo, era impossivel, sem deixar vestigio de passos, voltar pelo atalho humido. Eu poderia, é certo, andar para traz como já o tinha feito em certas circumstancias, mas a vista de tres trilhos na mesma direcção denunciaria sem duvida alguma a trapaça. No fim de contas o melhor era arriscar a ascenção. Não era facil, Watson. A torrente bramia a meus pés; não sou pusillanime, mas dou-lhe a minha palavra de honra que me parecia ouvir a voz de Moriarty, chamando-me do fundo do precipicio.

Um passo em falso, e estaria perdido! Mais de uma vez arranquei molhos de hervas com as mãos; mais de uma vez os meus pés escorregaram nas saliencias humidas do rochedo.

Emfim cheguei ao cimo, onde achei um resalto ou berma de alguns pés de largura, coberto de musgo verde muito fôfo, onde pude entender-me confortavelmente, sem ser visto.

Era ali que eu estava quando você, meu querido Watson, e o seu sequito estavam tratando de descobrir as causas da minha morte com tanta sympathia como inefficacia.

"Emfim, quando todos chegaram a uma convicção absolutamente erronea, mas inevitavel, vi-os partir para o hotel, e fiquei só. Suppuz ter chegado ao fim das minhas aventuras, mas eis que um facto inesperado me provou que o futuro me reservava ainda surpresas.

Uma enorme pedra, rolando rapida perto de mim, despenhou-se pelo atalho abaixo. Attribui primeiro o facto a um simples acaso mas um instante depois descobri, ao levantar os olhos, a cabeça de um homem que se destacava no céu ennevoado, depois outro bloco veiu cahir a alguns centimetros perto de mim sobre a borda onde eu estava estendido. Comprehendi! tudo sem difficuldade! Moriarty não tinha vindo só. Um dos conjurados (e num golpe de vista percebi quanto aquelle era temivel) devia estar á espreita emquanto o professor me atacava. De longe, sem que eu pudesse dar por elle, tinha sido testemunha da morte do seu amigo, e da minha escalada.

Tinha ficado á espera, alcançára o todo do rochedo, e tratava de ganhar a partida que o companheiro tinha perdido.

Rapidamente comprehendi tudo isto, Watson. Tornei a vêr aquella carantona que me espreitava de cima do rochedo, e percebi que não tardava a cahir outra pedra. Desci o mais depressa possivel para o atalho, julgo que nunca o teria feito a sangue frio; era cem vezes mais difficil do que subir, mas não tive tempo de pensar no perigo, porque outra pedra me roçou levemente quando estava suspenso do rebordo pelas mãos.

"A meio caminho, escorreguei... e emfim, graças a Deus, todo ferido e ensanguentado, encontrei-me no atalho. Desatei a correr, e andei dez milhas pelos montes em plena noite. Uma semana depois, achava-me em Florença na firme convicção de que ninguem no mundo sabia o que era feito de mim.

"Não tive senão um confidente, meu irmão Mycroft. Peço-lhe mil desculpas, caro Watson, mas era absolutamente indispensavel que se acreditasse na

(Continúa na pag. seguinte)

minha morte, e com certeza que você nunca teria feito a narrativa tão commovente do meu triste fim, se não fosse bem sincero.

"Muitas vezes de ha tres annos para cá, peguei na penna para lhe escrever, mas detive-me sempre com receio que a sua grande amizade por mim o levasse a qualquer indiscrição que trahisse o meu segredo. Foi ainda por este motivo que esta tarde me afastei de si, quando deitou ao chão os meus livros, porque nessa mesma occasião eu corria perigo, e o menor signal de surpresa ou de emoção da sua parte, chamando a attenção sobre a minha identidade, poderia ter os mais funestos e irremediaveis resultados. Quanto a Mycroft, eu não tinha remedio senão confiar nelle para que me mandasse o dinheiro de que eu precisava. O processo da quadrilha de Moriarty deixou em liberdade dois dos seus membros mais perigosos, inimigos meus dos mais encarniçados. Viajei pois durante dois annos no Thibet, tive o prazer de visitar Lhassa, e de passar alguns dias em casa do Dalai Lama.

"Você decerto leu a narrativa das notaveis explorações dum norueguez chamado Sigerson; com certeza que nunca lhe passou pela idéa que estava lendo noticias deste seu amigo!

"Em seguida atravessei a Persia, parei em Mecca, fiz uma curta e interessante visita ao kalifa de Kartum. Communiquei o resultado desta visita ao *Foreign Office*.

"Voltei pela França, onde passei alguns mezes a fazer experiencias sobre os derivados do coaltar, e dirigi um laboratorio em Montpellier no Meio-dia da França. Tendo acabado os meus estudos com uma grande satisfação, e sabendo que não existia já em Londres senão um unico dos meus inimigos fazia tenção de aqui regressar, quando a noticia do extranho mysterio de Park Lane fez abreviar a minha partida. Este assumpto não só me attrahia pelos seus ares tenebrosos, como tambem me parecia offerecer certas particularidades sob o meu ponto de vista pessoal.

"Vim immediatamente para Londres e cheguei sem disfarce á minha habitação de Baker Street, onde a minha apparição causou um violento ataque de nervos á minha senhoria Mistress Hudson; achei a minha casa, e os meus papeis conservados por Mycroft tal qual eu os tinha deixado. De fórma que, meu querido Watson, hoje ás duas horas da tarde, me achei estendido no *fauteuil* favorito do meu antigo quarto com um unico desejo, o de vêr o meu amigo Watson sentado no outro como antigamente".

Tal o assombroso romance que me foi contado nessa noite de abril, romance a que eu não daria credito se não tivesse a confirmal-o a presença daquella alta e delgada estatura, daquella physionomia intelligente e viva que eu julgava não tornar a vêr. Sabia sem duvida a dolorosa perda que eu tinha soffrido, e a sua sympathia manifestava-se mais nos seus modos do que nas suas palavras.

— O trabalho — accrescentou elle — meu querido amigo, é o melhor antidoto para a dôr, e esta noite, tenho trabalho para nós ambos, se o exito nos favorecer, elle por si justificará a minha presença nesta terra.

Foi debalde que lhe pedi para me falar mais claramente.

— Você ouvirá e verá bastante até amanhã! — respondeu elle. — Temos tres annos do passado para contarmos um ao outro; que isso lhe baste até ás nove e meia, hora em que nos devemos pôr a caminho para a nossa nova aventura.

Em breve me achei como noutro tempo sentado a seu lado numa carruagem, com o meu revolver na algibeira, e no coração um estremecimento de alvoroço.

Holmes estava frio, severo e silencioso. Como os bicos de gaz illuminavam as suas feições austeras, reparei-lhe no rosto inquieto, e nos labios delgados muito contrahidos.

Eu não sabia que animal feroz nós iamos caçar nos cannaviaes negros da Londres criminosa, mas estava bem certo, vendo a attitude daquelle monteiro-mór, que a expedição era em extremo perigosa, emquanto que o sorriso sardonico, que de vez em quando lhe illuminava o rosto sombrio, era de mau agouro para o objecto da nossa caça.

Eu suppunha que nos dirigiamos para Baker Street, mas Holmes fez parar o carro á esquina de Cavendish Square.

Notei que ao descer lançou um olhar prescrutador para a direita e para a esquerda, e que a cada esquina teve grande cautella em se certificar que não eramos seguidos por alguem.

O nosso itinerario era realmente regular. O grande conhecimento que Holmes tinha de todos os recantos de Londres era deveras extraordinario; passou rapidamente com um passo firme por um labyrintho de cavallariças de cuja existencia nem sequer desconfiava. Emfim chegamos a uma pequena rua, guarnecida de velhas e pobres casas, que nos levou até Manchester Street e de lá a Blandford Street.

Ali voltou vivamente para uma viella, empurrou uma cancella de madeira, e achamo-nos num pateo deserto, onde abriu com uma chave a porta de serviço duma casa, a qual fechou depois de entrarmos.

Estavamos na mais completa escuridão. Pareceu-me evidente que a casa estava deshabitada.

(Continúa no proximo numero).

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) ..... 48$000
Semestre (26 ») ..... 25$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) ..... 70$000
Semestre (26 ») ..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:
(Porte simples)
Anno.... (52 ns.) ..... 78$000
Semestre (26 ») ..... 40$000
(Registada)
Anno.... (52 ns.) ..... 115$000
Semestre (26 ») ..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

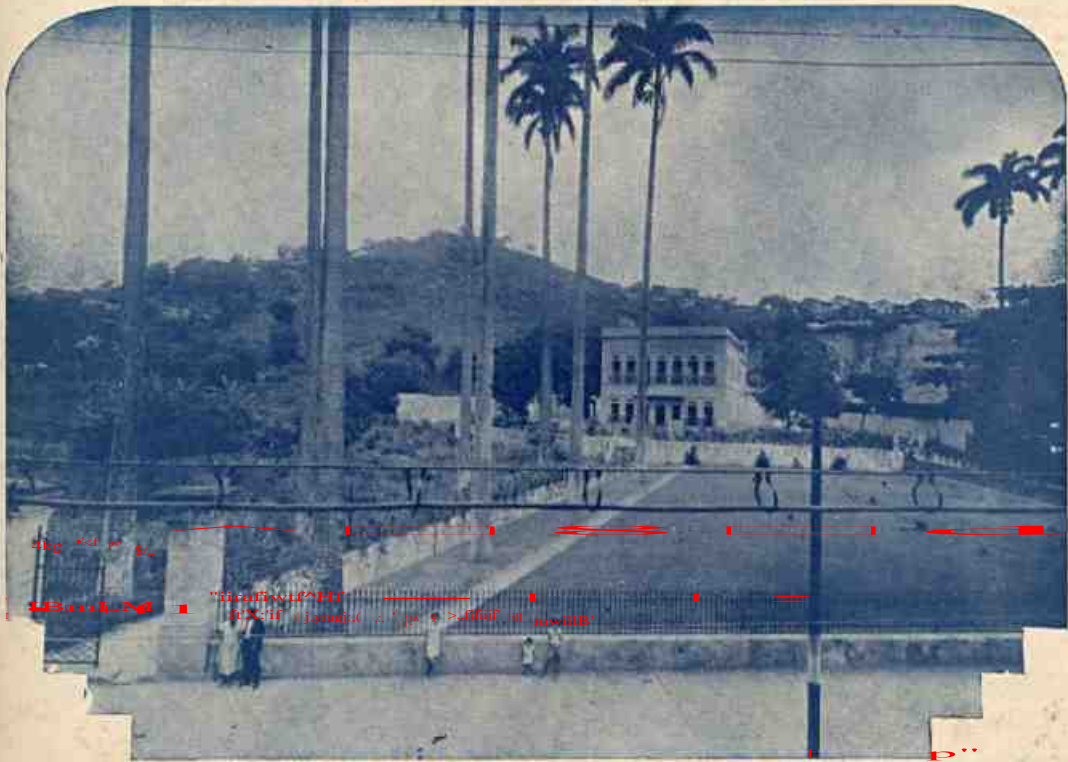
FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Administração: 2-4126
Director: 2-0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á
EMPRESA
FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

PARA CREANÇAS
DIARRHÉAS VOMITOS?
CAZEON
DYSPEPSIAS?
PEPSIL
SYPHILIS?
LACTARGYL
EMAGRECIMENTO?
CAZEOMALTE
VERMES?
LACTOVERMIL
FRAQUEZA MAGREZA?
TONICO INFANTIL
FORMULA COMPLETA
RACHITISMO?
NEO-AMINAZIN
CALCIO-VITAMINOSO
FARINHA PHOSPHATADA?
NUTRAMINA
FARINHAS?
CREME INFANTIL
14 VARIEDADES
Lab. Nutrotherapico
DR. RAUL LEITE & CIA. - RIO

MALEITAS
SEZÕES
COMO PREVENTIVO E CURATIVO
MALEIZIN
EM COMPRIMIDOS E AMPOLAS
LN
RIO
LAB. NUTROTHERAPICO

Ao levantar-se

V. Sa. desfaz-se da modorra com o primeiro espreguiçamento, ou sente-se prostrado o dia todo?

Eis um symptoma commum de entorpecimento intestinal! Essa paralysação intestinal é prisão de ventre, que precisa ser combatida, para evitar males mais graves. O antiacido-laxante ideal, que abranda o canal digestivo sem o irritar e extermina todos estes symptomas:

PRISÃO DE VENTRE

indigestão, flatulencia, acidez, ardor, vomitos, arrotos agros, gazes, etc.

LEITE DE MAGNESIA DE Phillips

O antiacido-laxante ideal

SE NÃO É PHILLIPS, NÃO É LEGITIMO!

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio

S. Bento, 85 — S. Paulo